

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LICENCIATURA**

LUCAS CARELLO DE LELLIS

**Solidão como temática literária do século XXI:
Novos Contistas**

Porto Alegre
2010

LUCAS CARELLO DE LELLIS

**Solidão como temática literária do século XXI:
Novos Contistas**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Letras como
requisito parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Letras pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profa. Dra. Jane Fraga Tutikian

Porto Alegre

2010

LUCAS CARELLO DE LELLIS

Solidão como temática literária do século XXI:

Novos Contistas

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LICENCIATURA**

Data de aprovação: __ de _____ de 20__

Anna Faedrich Martins – PUC-RS

Luciano Rodolfo - UFRGS

Jane Fraga Tutikian - Orientadora

A Juliana, meu amor, que junto comigo poderá chegar ao lugar que sonhamos.

A Ana Lúcia (minha vida) e Diney (meu ídolo), meus pais, que sempre sonharam com esse momento, e deram suporte para minha graduação;

Aos meus Irmãos, Bianca e André, e minha sobrinha Isabela, minha alma por eles;

A Chico, Carmela e Dináh, meus avós, que sempre me falavam pra crescer sempre.

AGRADECIMENTOS

A Rejane e Enio, que me ajudaram muito nesses últimos anos de faculdade e me deram a Juliana;

A Professora Jane Tutikian, que me trouxe à luz durante a graduação e nessa monografia;

Aos meus colegas de faculdade, que tornaram suportáveis manhãs e tardes insuportáveis e salvaram minha vida acadêmica inúmeras vezes – Tedi, Muri, Nicolau, Dani, Vanessa, Lica, Mascherano, Jorge, Raôni, Mari, Polnow, Josi... (não cabem todos aqui, mas vocês sabem que foram importantes);

Aos funcionários do PPG, Canísio, Myrela e Matheus, aos ex-colegas que também me ajudaram durante a graduação;

Aos funcionários da Letras, Delavi, Nei, Luis Fernando, Valéria, Zé Carlos, Diego...

Aos Professores da UFRGS, Elizabete Peiruque, Lucia Sá Rebelo, Sabrina Abreu, Sérgio Gonzaga, Claudia Scheeren, Gisela Collishonn e Valdir Flores, que me ajudaram, me ensinaram e, não por acaso, são Professores;

Aos meus amigos Peli, Kako, Leandro Cumaru, Filipão e todos os dendelers que não cabem aqui...

A todos que de alguma forma me apoiaram e me ajudaram durante minha caminhada na graduação, durante os estudos, durante a vida.

“O livro traz a vantagem de a gente poder estar só e, ao mesmo tempo, acompanhado”.

Mario Quintana

RESUMO

O estudo sobre a solidão é recorrente na teoria literária, tampouco, é recente o estudo sobre contos e sobre o literário. Entretanto, o estudo sobre esses aspectos interligados e adicionados ao que parece ser uma nova geração de escritores surgidos na Internet é o tema deste trabalho. Pretendemos investigar o fenômeno da utilização dos blogs na arte literária durante essa primeira década do século XXI. Essa geração, aqui representada principalmente nos textos de Nicolas Poloni, não se une fisicamente, nem pretende desconstruir a literatura feita anteriormente. Sua maior característica é a utilização de temas comuns na construção das narrativas, ou seja, o desvendamento do cotidiano e das inquietações da alma humana na modernidade, os desencontros e os encontros na solidão.

Palavras-chave: Nicolas Poloni, conto, *web*, blog, Internet, solidão.

ABSTRACT

Lo studio su la solitudine è un argomento ricorrenti nella teoria della letteratura, come lo studio su i racconti e sul modo di fare la letteratura. Tuttavia, lo studio su questi aspetti interconnessi e sommati a quello che sembra una nuova generazione di scrittori incontrate nell'Internet è l'argomento di questo lavoro. Cioè, investigare il fenomeno del'utilizzazione dei blog nell'arte letteraria durante il primo decennio del XXI secolo. Questa generazione, rappresentada qui nei testi di Nicolás Poloni, non si collega fisicamente, nemmeno intende distruggere la letteratura precedente. La sua maggiore caratteristica è l'utilizzazione di fenomeni comuni per la costruzione delle narrative. Mostrando il quotidiano e gli inquietudini dell'anima umana, insieme a le imperfezioni del'uomo nella modernità. Così, queste narrative non hanno bisogno di un lettore che abbia un carico letterario previo, anche se c'è intertestualità nelle narrative il lettore mantiene il dialogo, perchè c'è il quotidiano esposto nei racconti.

Parola chiave: Nicolás Poloni, racconto, *web*, blog, Internet, solitudine.

SUMÁRIO

| | |
|---|--------------------------------------|
| 1. Introdução | 9 |
| 2. O Ciberespaço e a Ciberliteratura | 11 |
| 2.1 Internet: Mídia e Utilização | 12 |
| 2.2 Criação literária nos blogs | 14 |
| 3 A Solidão..... | 17 |
| 3.1 Solidão na Literatura | 21 |
| 4. A Nova Geração Literária do Século XXI..... | 25 |
| 4.1 Como se Diferenciam os Contos da Nova Geração | 28 |
| 5 Nicolás Poloni..... | Erro! Indicador não definido. |
| 5.1 Narrador e Estilística dos Contos | 37 |
| 5.2 Análise Crítica, Solidão Patente | 39 |
| Considerações Finais | 48 |
| Referências | 51 |
| Anexos..... | 54 |

Introdução

A discussão sobre o que é e o que não é literário é tão estudada quanto à própria literatura. Especialistas e leigos têm opiniões diversas sobre esse assunto e terminam buscando no cânone suas referências sobre o literário, sobre o que pode e o que não pode nesta arte.

Um dos questionamentos que abordaremos neste estudo é: pode-se perceber a existência de uma geração literária no século XXI? Este trabalho tentará responder essa pergunta, através da busca de um tema comum aos textos com publicação impressa e publicação na *web*, selecionando alguns escritores que publicam suas narrativas nessa mídia, com ênfase nos contos do escritor Nicolás Poloni.

A partir de fevereiro de 2008, o escritor gaúcho criou um blog com a finalidade de mostrar seus contos e suas inquietudes. A partir daí, utilizou a temática da solidão, um tema que recorre entre alguns escritores, principalmente nessa era digital do século XXI.

Os contos que constituem o corpus simbólico deste TCC fazem parte da obra publicada em seu *weblog* (que serve como uma micro-editora, onde o dono do blog “postar”¹ seu material para que outros possam ler e tecer comentários) são eles: “Do Tamanho de uma Laranja”, “A Noite Passada”, “Embascado”, “Seu Romero”, “Mudança”, “Eu te Amo”, “Sem Título”, “Tarde na Capela”, “Um Dia Frio...”, “Partirei ao Amanhecer” e “Sono dos Justos”². Tais contos são construídos em torno de problemas de ordem universal como amor, dor, morte e sentimentos não correspondidos. Alguns possuem tons de humor e ironia, entretanto o sentimento que se sobressai é a solidão, razão pela qual fazemos deste tema foco de análise.

Assim, no segundo capítulo, estudaremos a solidão como sentimento intrínseco ao homem. Mostraremos uma reflexão sobre a solidão contextualizada na modernidade, e em parte da literatura. Como a solidão pode influenciar no comportamento das pessoas deste novo século, e como a solidão torna-se cultural na sociedade, mesmo com tantos modos de interação entre as pessoas.

Na terceira parte do trabalho, faremos a construção de uma tese sobre a constituição de uma geração literária no século XXI, consistindo em explicitar como

¹ postar – inglês post

² todos os contos estão em anexo ao trabalho

surge essa geração, como ela se forma, e o que diferencia esta das outras gerações literárias que vieram anteriormente. Mostraremos, também, como essa geração de contistas se baseia na realidade atual para construção das suas narrativas, além das diferentes vertentes em que estão baseados os contos dessa nova geração.

O quarto capítulo será, por fim, todo ele dedicado à análise dos contos de Nicolás Poloni.

2. O Ciberespaço e a Ciberliteratura

Hoje, mais de dez anos depois da “liberação” da *web*, e com a organização que Oliveira (2008) chama de “cibercultura”, há uma extrema facilidade de comunicação via Internet. O cotidiano passou a ser marcado pelo uso de tecnologias como “homebankings”, “palmtops”, “I-phones”, é possível dizer que, hoje, somos “fáceis de encontrar” em qualquer parte, estejamos distante ou não. Ou ainda, que de onde estivermos nossa opinião pode ser lida, comentada, reestruturada ou exposta, como nos “Wikis”. Nesta nova estrutura global de facilidade em obter conhecimento e de conhecer outros.

Nesta era onde o Ciberespaço é decifrado por códigos binários de zero e um, em que nossas distâncias parecem ser cada vez menores, com isso, ficamos impedidos encontrar um “tempo livre”. E nos resignamos com o mundo no qual estamos inseridos e, assim, abdicamos do contato concreto com o próximo em troca de um contato distante. Esse distanciamento que nos afasta dos outros, também nos afasta de nós mesmos, também nos impulsiona para dentro do que somos.

Dentro da aura de liberdade, de Inteligência Coletiva, de inovação, os instrumentos da *web 2.0*³ oferecidos aos usuários funcionam como uma saída, uma arma que o indivíduo tem para enfrentar as agruras do mundo contemporâneo, tais como a efemeridade, a fluidez dos objetos, do espaço, do tempo, das situações e do próprio homem. (OLIVEIRA, 2008)

Essa *web* coletiva reúne qualidades não alcançadas anteriormente por qualquer outro meio de comunicação existente. “Live broadcasting” como televisões online, com interações na programação, canais de expressão como fotologs, *weblogs*, videoblogs; sítios de relacionamentos como Orkut, My Space, Youtube; sítios de vendas como Amazon, e especificamente no Brasil: Mercado Livre e Submarino; e redes de pesquisa e informação como o Google (e suas ferramentas); enciclopédia virtual como a Wikipédia, que promove seus dados a partir de dados registrados pelos usuários de sua página, fazem parte do nosso cotidiano. Essa relação de interatividade relaciona, mesmo que forçadamente, a coletividade dessa modernidade contemporânea.

A contemporaneidade força o homem ao coletivo, traz o homem de volta ao tempo em que a coletividade era mais importante que a individualidade. Oliveira (2008)

³ A expressão *web 2.0* foi cunhada dentro da indústria de tecnologia como sinônimo de *sites* colaborativos

ainda vai além e transforma o Homo Sapiens em Homo Digitalis, pois segundo ela, assim “[...] visualizamos um longo processo: o da utilização de várias linguagens e tecnologias para construir arquivos que possam guardar sua história.” Essa busca por tornar essa idéia gravada em sua cultura é o ideário da “vida do ser humano” (OLIVEIRA, 2008, p.3).

2.1 Internet: Mídia e Utilização

Especificamente, nos dias de hoje, utilizar o mundo virtual é prática recorrente, de acordo com a Internet World Stats (2009), 1,73 bilhões de pessoas tinham acesso à Internet em setembro de 2009, o que representa 25,6% da população mundial. Segundo a pesquisa, a Europa detinha quase 420 milhões de usuários, mais da metade da população. Mais de 60% população da Oceania tem o acesso à Internet, mas esse percentual é reduzido para 6,8% na África. Na América Latina e Caribe, quase 175 milhões de pessoas tinham o acesso à Internet, sendo que 67,5 milhões são brasileiros.

De acordo com dados do IBOPE/Netratings, em dezembro de 2008, mais de 11,6 milhões de pessoas tiveram acesso a blogs, um crescimento de mais de 22% contra o último mês do ano de 2007. Nesse mesmo período de análise, o IBOPE/Netratings verificou que o número de pessoas que acessam a Internet a partir de suas casas, cresceu 14,5%. A empresa norte-americana Jupiter Research mostra que até 2012 o número de internautas deve crescer 44% em relação aos dados de 2007, e que o custo aproximado com “links patrocinados” deve girar em torno de 4,4 bilhões de dólares. Ou seja, a Internet é um mercado em franca expansão, sendo ela um gerador de divisas ou de riqueza literária ou não. Enquanto isso, o Instituto Pró-Livro aponta que os brasileiros que mais lêem são jovens e crianças, que têm sua leitura direcionada pela escola, sendo que sua média é de 4,7 livros por ano. Desses 4,7 livros, 3,4 são leituras indicadas pela escola e, apenas, 1,3 são de escolha espontânea. Além disso, a pesquisa mostra que 79% dos leitores que realizam essa atividade frequentemente têm formação de nível superior.

A partir dos dados citados, podemos concluir que a Internet se torna mais “democrática” que os livros, no que permeia o uso da leitura como contexto de análise. É, grosso modo, mais fácil entrarmos em contato com um blog, ou um site, do que comprarmos um novo livro. O acesso à Internet pode ser feito de sua própria residência, enquanto adquirir um novo livro demanda tempo a procura por livrarias. Com esse

pensamento, a Apple e outros fabricantes de computadores, junto às editoras de livros e as empresas, criaram o *e-book*, um computador que recebe automaticamente publicações na versão digital para que o leitor tenha a sua disposição.

No início, os blogs tinham funções básicas como a de comentar fatos, notícias, etc. e de ser um diário no qual as pessoas descreviam seu dia-a-dia, suas experiências, etc. Entretanto, essa ferramenta foi popularizada e muitos começaram a enxergá-la como uma oportunidade para negócios e como meio do usuário publicar e definir seu conteúdo, “postando” assim, textos próprios. Com a expansão desse mercado de computadores e a facilidade de acesso à Internet, os usuários (maioria absoluta adolescente) utilizavam os blogs como “diários virtuais”. Temos assim, então, páginas customizadas, adequadas, personalizadas pelos usuários com conteúdo escolhido e direcionado, como: álbum de fotos, opiniões pessoais, relato do cotidiano, etc. Assim, podemos inferir que se tratam de publicações com forma de notícias com determinado ponto de vista, o que é validado pelo foco informativo do texto. Os blogs literários seriam as páginas que se propõem a expor material ficcional, como narrativas, crônicas, poesias, dentre outros. Esses blogs literários são uma arma que o escritor tem para divulgação e, por consequência, a veiculação dos seus textos. Isso evidencia a tendência de crescimento dessa área como espaço para o surgimento de novos escritores e para a produção de novos textos, assim como sendo, os blogs suportes para a literatura no mundo digital.

A funcionabilidade de uma mídia digital como essa depende de alguns fatores extraordinários como a facilidade de acesso, pois formalidade e espaço digital não combinam; a pessoalidade (identificação do sítio com seu proprietário e com as demais pessoas que acessam este determinado sítio) e simplicidade (simplicidade de temáticas e de forma escrita). Um blog serve ainda para divulgar algo, um produto ou serviço, eventos, ou serviços, por exemplo. Pode-se usar esse espaço, também, para opiniões, ideologias, críticas e ressalvas acerca de determinados assuntos.

Embora pareça estarmos protegidos pelo escudo-invisível que é a tela do nosso computador, sempre deixamos vestígios de nossa passagem pela *web*, seja por correios eletrônicos ou qualquer outro meio digital de comunicação. Somos, na Internet, um *nick* (apelido usado pelos usuários da Internet em salas de bate-papo ou sites de relacionamento) ou um número de IP (número que funciona como registro único de cada computador, como um CPF). Facilmente podemos ser localizados por conhecedores de tecnologias aplicadas aos computadores.

2.2 Criação Literária nos blogs

O caráter interativo é o que promove o distanciamento entre a criação literária convencional e a criação literária dos blogs (digital), em especial. Seguindo a lógica própria dos ambientes digitais de produção textual, observa-se nesta ferramenta a presença dos elementos participatórios, exploratórios, enciclopédicos e procedurais (MURRAY, 2003). A partir disso, o leitor é convidado a participar, produzindo uma ligação dele com o texto e o autor, participando da escrita com comentários etc. A transformação do leitor comum para o leitor-interativo impõe para sua leitura uma demanda de *feedback*, através de uma produção de escrita no mesmo material do autor, e com as mesmas ferramentas, igualando-os. Cinthya Santos (in LOBO, 2002) destaca que o gesto de leitura produzido na Internet implica um gesto de visualização, edição e de montagem singular. Nesse contexto, a produção pode conter citações, comentários, contestações e até pode ser formado com base em outros textos.

O ciberespaço incita novas localizações paradigmáticas e a literatura se deixa desconstruir para se remodelar em aspectos dinâmicos: inter, intra e hipertextuais. Assim como os estatutos artísticos estão sendo redefinidos, os conceitos clássicos de valor, realidade e verdade estão sendo remodelados. (SANTOS in LOBO, 2002)

Através dessa visão de inovação e, por que não, mudanças, pode-se afirmar que se sobressaem alguns escritores da *web*, que, com o sucesso crescente, migraram para outras plataformas, transpondo seu conteúdo do digital para o conteúdo impresso. Alguns autores partiram deste modo dos “blogs” para se tornarem conhecidos fora do meio digital. Casos assim são exemplificados nacionalmente através de personagens como Bruna Surfistinha (Raquel Pacheco), ex-garota de programa, hoje escritora que reproduzia em seu blog o que hoje escreve nas páginas de seus *best-sellers* (*O Doce Veneno do Escorpião*, e *O que Aprendi com Bruna Surfistinha*).

Para fundamentar o uso desse modo midiático de exposição de textos aqui no Rio Grande do Sul, um exemplo de contista gaúcho que põe seus minicontos em um

blog é escritor Pedro Gonzaga⁴. Assim como Sérgio Faraco⁵ que também expõe seus contos e outros tópicos acerca de sua pessoa. É possível, citar também, como usuário de blog, mas com intuito diferente dos contistas, o professor Luís Augusto Fischer⁶ que se vale dessa mídia para comunicação entre ele e seus leitores, e frequentadores do projeto de contação de poesias. A gaúcha de Porto Alegre, hoje radicada em São Paulo, Clarah Averbuck, após ter sido “descoberta” por editores, publicou seu primeiro livro impresso em 2002 (*Máquina de Pinball*, editora Conrad), o segundo em 2003 (*Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante*, editora 7 Letras), em 2004 o quarto livro (*Vida de Gato*, Editora Planeta) e em 2008 (*Nossa Senhora da Pequena Morte*, Editora do Bispo), contudo, Clarah já era “blogueira” e recordista de acessos aos seu blog “Brasileira! Preta” (hoje inativo) que chegou a ter mais de 1800 acessos diários. Em maio de 2006, voltou a manter um blog, desta vez chamado “Adiós Lounge”⁷, nos quais publicava textos de sua autoria e de outros autores.

Existem livros de contos. De poesias. De crônicas. Por que não uma coletânea de textos publicados em um blog? Afinal [...] blog é apenas um meio de publicação para o que quer que o autor, dono e soberano do blog, queira escrever. Receita de bolo, resenha de discos, resmungos mal-amados, histórias, realidades, mentiras (AVERBUCK, 2003).

Especificamente em Porto Alegre, Daniel Galera, um dos principais nomes dessa nova geração, surgiu em 1998, em Porto Alegre, com o *CardosOnline* e fundou, em 2001, o selo independente Livros do Mal (junto com outro escritor, Daniel Pellizzari). Hoje, Galera publica pela editora Companhia das Letras. Outro caso é o do poeta Fabrício Carpinejar, um dos grandes poetas desta geração e "E o blog é o meu diário poético", que lançou, em 2006, *O Amor Esquece de Começar*, sua primeira coletânea de escritos publicados na Internet, tendo esgotada a primeira edição em papel.

Como a Internet serve de suporte para novos autores? Essa é a pergunta que deve ser feita a partir dessa nova década. O ciberespaço ganha lugar ao mesmo tempo em que o jornalismo cultural o perde. Não é correto afirmar que um será substituído do

⁴ *Terra de Cossacos*: Desolações e mágoas menores, pequenas gargalhadas, um ou outro pescoço aberto a golpes de sabre. Disponível em: <http://terradecossacos.blogspot.com>

⁵ Sérgio Faraco. Disponível em: <http://www.sergiofaraco.com.br/conto.htm>

⁶ Sarau Elétrico. Disponível em: <http://www.saraueletrico.com.br/blogs/luis>

⁷ Adiós Lounge. Disponível em: <http://adioslounge.blogspot.com/>

outro, mas o que é possível afirmar é que, hoje, a competição entre eles é, de certa forma, injusta. A Internet, por ser mais rápida e “gratuita” possibilita uma busca mais rápida pelo evento e pelo conteúdo a ser avaliado, lido ou observado. O escritor de blog, o blogueiro, não se vê apenas como um escritor, ele se vê como colega do autor publicado, transformando-se em leitor-autor. Mesmo que a literatura *on line* ainda não seja um gênero literário.

Desconsiderar este meio midiático como fonte de divulgação de textos literários é não só equivocada como também desrespeitosa. Não caminhar junto à evolução da literatura, é, por assim dizer, uma caminhada contrária ao meio mais novo que provoque o diálogo entre o escritor, sua obra e o público alvo. Publicar significa tornar público, obra escrita, por meio de impressão ou outro meio, reproduzir (HOUAISS), e a Internet, através de sites ou blogs, torna pública a obra do autor, mesmo que crua, pois não há revisão de terceiros sobre seu trabalho. Para Murray (2003), o computador não pode ser considerado inimigo do livro, pois sua importância continuará tão grande como sempre foi. Segundo a autora: “ele [computador] é o filho da cultura impressa, o resultado de cinco séculos de investigações e invenções organizadas e coletivas que o texto impresso tornou possíveis” (MURRAY, 2003, p. 23). Portanto, as publicações de produções textuais em livros ou em meios digitais, como blogs, não necessariamente são formas distintas de exposição, pois caminham juntas. Manter a interlocução com o leitor nesse espaço de resposta quase imediata é de extrema importância para a literatura contemporânea.

3. A Solidão

Já que o contexto utilizado nesse trabalho vale-se de meios eletrônicos para a explicitação do pensamento, é justo que usemos o mesmo meio eletrônico para definirmos o sentido de solidão. A definição de solidão pela enciclopédia virtual Wikipédia (última atualização: 6 jun. 2010).

[...] é que solidão é um sentimento no qual uma pessoa sente uma profunda sensação de vazio e isolamento. A solidão é mais do que o sentimento de querer uma companhia ou querer realizar alguma atividade com outra pessoa. Alguém que se sente solitário pode sentir dificuldades em estabelecer contato com outras pessoas.

O dicionário Houaiss possui cinco entradas sobre solidão, substantivo feminino, e discorre assim sobre o assunto durante os registros de entradas:

1. Estado de quem se acha ou se sente desacompanhado ou só; isolamento; 2. Caráter dos locais ermos, solitários; 3. Local despovoado e solitário; retiro; 4. Vasto espaço ermo, sem população humana; 5. Sensação ou situação de quem vive afastado do mundo ou isolado em meio a um grupo social. (Dicionário Houaiss Digital, 2.0a)

A solidão, em alguns casos, pode ser, também, o ato de ficar só por vontade própria, com algum intuito de pensar ou refletir sobre algo ou alguém, ou com a finalidade de fugir dos outros, de si mesmo ou de sentimentos. Pode surgir, também, da separação ou falta de conexão com a fé em si, ou em (nos) outros. Servindo quase como um sentimento de esvaziamento da vida interior, uma inexplicável lacuna na alma, como definido por Octávio Paz:

A solidão, o sentir-se e saber-se só, desligado do mundo e alheio a si mesmo, separado de si [...] A solidão é a profundidade última da condição humana. O homem é o único ser que se sente só e o único que é busca de outro. Sua natureza – se podemos falar em natureza para nos referirmos ao homem, exatamente o ser que inventou a si mesmo quando disse ‘não’ à natureza – consiste num aspirar a se realizar em outro” (2006, p. 175)

Através dessa reflexão sobre o que é esse sentimento para o povo, para o homem comum, Paz aborda o fato pelo lado do homem que sofre, analisa a dureza dessa sensação de solidão por querer ou ser. Octavio Paz, ao tratar da solidão, discorre sobre

as constantes imposições culturais, sua assimilação e a forma com que isto se manifesta. O que se almeja ser, de certo modo, é reflexo das imposições sociais constituídas por aqueles que estão no poder, aqueles que ao levarem apenas em conta seus projetos mantenedores de sua influência, não levam em conta a forma com que os povos reconhecem a si próprios. Nesse sentido, o autor coloca que o homem é um ser que se encontra perdido, só.

Para Paz, o homem é um ser que sempre se adapta, se camufla, se esconde para que ninguém possa descobri-lo e torná-lo vulnerável. Então a questão é: o que fazemos senão isso? Não estamos sempre presos numa cápsula de segurança, que permite escondermos nosso pior lado e mostrar só o que é agradável para os outros? Não estamos sempre mantendo segredos a sete chaves que poderiam nos fazer parecer frágeis ou nos tornar mais fracos perante os outros? Não estamos, na maior parte do tempo, camuflados sob um falso eu, simplesmente para sermos aceitos? “A sociedade ser uma totalidade que vive por si e para si” (PAZ, 2006, p.181).

A solidão é, nos dias atuais, causada principalmente pela massificação da sociedade moderna. “É a ruptura com o mundo e a tentativa de criar outro” (PAZ, 2006, p. 184). Tudo que nos é funcional em termos de expressão, comunicação etc., hoje, acontece com a interação. Enquanto que a solidão e o individualismo caminham em lados opostos, servindo um de contraponto ao outro. Assim, o individualismo trabalha como subterfúgio dessa coletividade. A solidão deixa de ser algo que se alocava somente na alma e passa a fixar-se no exterior, entre as relações humanas. Carvalho diz que:

Hoje ela [solidão] está mais fora do que dentro, ou seja, é percebida antes enquanto um elemento externo, produzido socialmente, do que um sentimento pessoal, vivido interiormente [...] a solidão é produto do distanciamento e do individualismo entre homens cada vez mais narcísicos e auto-referidos (CARVALHO, 1995, p. 6).

A solidão não se reduz a lugares comuns, ou pré-determinados. Não está mais nos outros, mas sim em todos nós. Ela transformou-se hoje em um ritual para o distanciamento dessa coletividade. Isso força pessoas a formarem o que Carvalho chama de “zona de liberdade individual” ao entorno de si. Uma espécie de bolha que nos isola intencionalmente de outras pessoas em determinados momentos do dia-a-dia. Pois somos cercados por milhares de solitários diariamente pelas cidades, pelas ruas, em casa, ou virtualmente (no mundo digital) ou pessoalmente (no mundo real). Ela, a solidão, é de importância vital para a modelação da vida social, não mais fazendo parte

do estado anímico e psicológico, mas sim como realidade cotidiana do mundo moderno. Formando uma cultura solitária como fenômeno social. Com isso, podemos perceber que a solidão não é mais um sentimento necessariamente doloroso, mas sim um estado anímico que promove um sentimento de autonomia e autoconhecimento e, de certa forma, um sentimento que indica abandono. Entretanto, um sentimento não exclui o outro, pois a solidão pode ser opcional ou apenas formulada para ser ponto de partida de uma independência pessoal. Como se fora uma batalha e cada um entrincheirado em seu casulo de silêncio e solidão. Essa solidão pessoal que fora causada pelo próprio indivíduo, é de forma alguma um bloqueio total e irrestrito de comunicação desse indivíduo só com o resto do mundo. Mas sim, como forma para sua reclusão para organização dos sentimentos aos quais o sujeito está submetido naquele momento.

A solidão pode, também, ser gerada pela desconfiança ou insegurança no outro, o sentimento de esvaziamento e a carência desmedida são conseqüências dessa solidão. O outro pode ser objeto de desejo, assim como objeto de repulsa, mas isso depende da capacidade de envolvimento e sacrifício nas relações humanas da pessoa que deseja ou repudia. Essa solidão hoje é algo banal, pois não refletimos sobre ela. “Se para nós é dolorosa a solidão, mais doloroso ainda seria sofrermos com o outro, logo nos fechamos para contatos mais estáveis, abertos e profundos.” (CARVALHO, 1995, p.197). Assim, o outro é, portanto, um estágio para a evolução do “eu”. O outro é um degrau para o alcance da solidão, para a formação do sujeito solitário.

A comunicação nessa era da solidão como modo de vida cresce inversamente proporcional ao contato humano autêntico. As cidades se verticalizam, o contato entre os vizinhos já não é o mesmo. Cidades cada vez maiores já proporcionam a ausência da família no entorno das relações sociais. O ritmo das cidades também já é outro, não se pode mais conversar demoradamente com o pai ou o vizinho. Sem ter como evitar o dito popular, tempo é dinheiro. Assim, aumenta o distanciamento das pessoas. A privacidade parece ser tão ou mais importante que o tempo. Nesse ritmo desumanizante das cidades, não há um convívio, mesmo que esse seja praticado durante uma viagem de ônibus, trem, metrô... Os carros por sua vez, podem ser vistos transportando apenas uma única e solitária pessoa. “Isolado do mundo no interior da sua máquina, ele sente-se único, absoluto e inteiro, [...] pois já não se vê obrigado a compartilhar o mesmo espaço com qualquer outra pessoa. Seu isolamento é sua liberdade” (CARVALHO, 1995, p. 216). A falta de algum outro é a ausência de qualquer fronteira ou entraves, funcionando por vezes como uma parte de sua moradia.

Nessa modernidade das cidades, a tecnologia funciona como uma “cápsula de anonimato”, segundo Carvalho (1995, p. 223), pois isolam ainda mais o ser humano dentro de um mundo somente deles, a rua já não é mais a extensão de um espaço comum, mas sim, de um espaço de ninguém. Assim, o contato, que era raro, passa a ser ainda mais diminuto enquanto cresce o isolamento causado pela demanda das cidades. O computador como arma dessa tecnologia pode nos oferecer contato com pessoas que desconhecemos, ou que conhecemos e estão longe.

Essa busca pelo contato, embora sempre distante, com nossos semelhantes através do uso da Internet, ou de outras tecnologias, permite-nos limitar nossa exposição junto aos outros. Podemos nos esconder atrás de teclados, monitores, sistemas de rede etc. e assim utilizar esse “escudo digital (virtual)” para fugirmos. Essa fuga pode acontecer perante nós mesmos, buscando assim uma nova forma de alteridade. Podemos ser outros, podemos modificar nossa aparência, modificar nosso sexo, ou liberar o que é reprimido em nosso âmago, como ofender, afrontar, mentir para o outro, funcionando assim, como defesa de nós mesmos para com o outro, ou para manter nosso isolamento perante nós mesmos.

Aqueles que têm acesso à rede mundial de computadores possuem inúmeras facilidades. Em sua casa, com seu computador, poderá abastecer sua casa sem ter que sair dela, sem enfrentar longas filas, comprar remédios nas drogarias, reservar bilhetes para teatro ou cinema. Pode escolher qualquer diversão noturna pelo telefone ou pelo computador, filmes, programas de televisão. A solidão assim é, antes de mais nada, sinônimo da auto-suficiência.

Não mais nos escondemos atrás de máscaras, como Octavio Paz refere, mas sim atrás de computadores, nomes fictícios e fotos de personalidades. Não nos expomos mais, por medo de represália ou de contestação do nosso eu. Comunicamo-nos com maior velocidade, agilidade e quantidade, porém a comunicação face a face é cada vez menor. A conversa frontal nos mostra detalhes que as máquinas ainda não podem nos revelar. A solidão desse novo mundo tecnológico pode ser menor se observarmos que estamos rodeados por modos de contato, por outro lado, estamos cada vez mais isolados, física e emocionalmente.

A solidão, sob o império dos objetos da moderna tecnologia, não só distancia os homens nas duas relações face a face, como também cria uma redoma crescente de artificialidade nas suas vidas diárias. [...] Entramos no paraíso artificial das imagens e sons virtuais, onde o

homem isola-se com formas e conteúdos estetizados, mas vazios de sentido. (CARVALHO, 1995, p.239)

Sob essa luz, a solidão também é profundamente sentida. Não há uma voz de resposta ao padecente da solidão. Essa barreira, por assim dizer, que é formada pelo computador junta desconhecidos solitários ou não durante conversas. Entretanto, mesmo a Internet tendo facilitado esse contato entre pessoas, o desconhecimento entre elas é, de fato, a marca desse modo de globalização. Inquietos por qualquer forma de contato, os solitários desejam através dessa mídia eletrônica qualquer mínima expressão ou amostra de calor humano, amizade, companhia, ou simplesmente, pura distração. Embora esses desejos sejam atendidos, mesmo que em partes, a Internet é uma barreira que o solitário usa para continuar afastado das relações pessoais. Pois ao mesmo tempo em que privilegiamos o contato mais distante, com culturas mais diversas, a interação mais próxima fica para segundo plano com o uso do computador. Deste modo, a Internet e o computador afastam e aumentam o isolamento entre os homens. Não se trata apenas da confirmação do aumento da urgência de novas formas de comunicação, mas sim da escassez de proximidade e de relacionamentos humanos, pois agora há um modelo de convivência marcado por traços virtuais, imediatista e de distanciamento físico. “A sociedade torna-se plástica, pontual e efêmera por um lado, e intimista e fechada por outro. Na comunidade virtual, a preocupação central dos homens concentra-se sobre suas existências estetizadas e descentradas” (CARVALHO, 1995, p. 245).

Como os solitários vivem cada vez mais em espaços físicos menores, além da cápsula emocional na qual estão inseridos, esses espaços cobrem-se de pertencimento e identificação. Nesses espaços, os solitários se reconhecem. Essa familiaridade desses elementos pessoais compensa a sociabilidade perdida anteriormente. Assim, a comunicação do indivíduo com a sociedade se dá mais pelo fato de imposição dessa sociedade, que promove a estigmatização do correto e do errado, do que efetivamente a socialização do indivíduo solitário.

3.1 Solidão na Literatura

Quase tudo pode ser tema para um conto, mas, em princípio, a ideia de conto está ligada ao acontecimento. É preciso que algo aconteça para que surja a história, para que criemos um enredo. No caso do presente estudo, é preciso que a solidão aconteça para que se forme um conto. Nádya Gotlib (1985, p.57) afirma que “as personagens dos

contos têm um mundo autônomo: não é a brevidade que as caracteriza. O que as caracteriza é o fato de os problemas serem delas, e não nossos.” Embora haja por inúmeras vezes uma identificação entre o leitor e os personagens não há, de forma alguma, uma reconstituição da vida do leitor na vida das personagens dos contos.

A solidão advinda da sociedade moderna é retratada de diversas formas nos mais diferentes contos. “O Capote”, de Nikolai Gógol, por exemplo, obra escrita em 1842, é a história de um pobre funcionário público que, a grandes custos, consegue comprar um novo capote e é roubado no mesmo dia em que o ‘inaugura’. Segue-se então, um calvário pela burocracia russa. Ao invés do capote, ele consegue apenas uma grande bronca de um alto funcionário, interessado em impressionar um amigo. Isso, unido a uma gripe que o apanha por estar sem capote, e, portanto, desprotegido do terrível frio de São Petersburgo, leva-o à morte. Seu fantasma, então, passa a puxar o capote de todas as pessoas que se aventuram a sair à noite. Essa capacidade do homem de se situar na solidão, na consciência de ocupar um lugar sozinho na realidade, afirma Gotlib.

O tema “solidão” está relacionado à vida, e principalmente à sociedade moderna; e isso, certamente despertará o interesse do educando na realização de um estudo em que ele pode contribuir com sua experiência de vida, atuando como co-autor durante o processo de leitura. O contato com textos que proporcionem ao educando a reflexão e a construção de seu conhecimento é de suma importância para sua formação (MORSKI, 2005 p.6).

“Temática da solidão surge como consequência de uma sociedade burocratizada e capitalista, que deseja o objeto”, diz Nádia Gotlib (1985, p.58) em seu livro Teoria do Conto, sendo assim, essa solidão é o resultado do tolhimento do coletivo em prol do pessoal. Essa nova sociedade que elimina o coletivo é, de certa forma, direcionada ao individualismo e a concorrência entre iguais. Torna um antagonista do outro.

LISBON REVISITED (Lisboa Revisitada)
(Álvaro de Campos)

Não: Não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas

Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) –
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?
Se têm a verdade, guardem-a!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro a técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que haveremos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja a companhia!

Ó céu azul – o mesmo de minha infância –
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta
Deixem-me em paz! Não tarde, que eu nunca tarde...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!
[...]

(CAMPOS, in PESSOA, 1986, p. 249)

Pela perturbação do eu lírico, é possível considerar a postura dele em frente as pessoas, pois o sujeito poético mostra o máximo de irritação com a quantidade de pressão que sofre alguém para se ajustar a modernidade. Então o sujeito se apóia na solidão a fim de negar essas regras do mundo, o que mostra seu desajustamento em relação à vida.

A fragmentação do ser humano caracteriza a modernidade, a perda de sentimento, não há ser completo. Como há múltiplas opções, diversos caminhos a seguir na modernidade, Pessoa segue todas as vias buscando encontrar-se. Ironicamente, durante essa busca do eu, Fernando Pessoa torna-se vários e nenhum.

Mesmo consciente de que nasci sozinho do útero de minha mãe,
berrando de pavor para o mundo insano, e que embarcarei sozinho

num caixão rumo a sei lá o quê, além do pó. O que ou quem cruzo esses dois portos gelados da solidão [...] (ABREU, 2006, p. 31)

Já o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu visita a solidão por ambientes urbanos, e usando, também, a angústia e a solidão como tema, com contos, muitas vezes, de caráter biográfico. Muito influenciado por Clarice Lispector, Caio se lança na solidão de quem vive entre prédios que arranham o céu e imersos na realidade da década de 70, durante a ditadura militar.

4. A Nova Geração Literária do Século XXI.

Se existe uma característica desta nova geração, é que é uma geração que já não sente necessidade de fazer frente a nada (GALERA, 2010).

A diminuição das fronteiras entre os gêneros literários fez com que contos se tornassem mais fortes dentre os leitores. A classe média, a cidade e os fragmentos comunitários da cidade violenta e animalizada foram escolhidos como tema dos contos e as aflições individuais trazidas à tona. A narrativa, por consequência, veio cheia de linguagem crua e direta, refletindo a linguagem das grandes metrópoles. Essa transformação, que, por vezes, desequilibrou os pilares construídos pela crítica literária, atingiu no início do século XXI sua plenitude.

Na década de setenta, os escritores faziam versos com experiências pessoais, o que se tratava de uma resposta ao fato de não poder narrar livremente, ato imposto pela ditadura militar. Desde essa década ditatorial, os escritores aspergiram versos e romances com suas experiências pessoais. Tratava-se de um revide à impossibilidade de narrar plenamente diante do pau-de-arara da ditadura. Ou seja, um revide ao processo ditatorial implantado no Brasil. Outros, porém, criaram textos culturalmente questionadores e aparentemente descomprometidos com a arte literária. Ambas são, obviamente, expressões artísticas similares. Nossos autores traziam na época sangue novo à literatura. A autonomia do texto não perdia vitalidade. “A fronteira, entre o que é e o que não é literatura, foi se dissipando” (OLIVEIRA NETO, 2010).

Entretanto, é possível verificar, através de exemplos desse recurso, no final desta primeira década do século XXI, uma estética que remete para valores estritamente literários. Tanto o emprego sofisticado da língua portuguesa, como feito por Euclides da Cunha, mas também, da importância de espaços fora das capitais, quanto as categorias literárias solidamente presentes em Lima Barreto, Monteiro Lobato, Simões Lopes Neto, Graça Aranha, Affonso Arinos e Coelho Neto. Contudo, a problematização e os valores humanistas parecem demorar um pouco mais para aparecer nos textos mais recentes.

Essa intenção volta-se para a exibição das relações humanas mais delicadas e mais convenientes da necessidade da sociedade menos animalizada. Coisa que o excesso de individualismo gerou nessa sociedade. Desse ponto de vista, nota-se o emprego de metáforas e símbolos da língua fixados desde o século XX. O que chama a atenção nos novos textos é, por exemplo, a fala dos personagens, como em *Arnaldo e os*

moinhos, de Daniel Pellizzari, ou o uso do palavrão, que por muito tempo deixou de ser utilizado na literatura brasileira. O uso da norma culta junto à norma falada também é uma situação que pode ser notada em alguns desses textos.

Essa escrita forma um conceito de conhecimento distanciado de qualquer certeza. Pois também não se trata de comprovar nenhuma dessas experiências, mas sim, apoiar a narrativa em algo imaginável. Isso tudo parece direcionar para uma visão onde o homem muda seu relacionamento consigo e com o mundo onde vive. Ecologia, escassez de recursos naturais, crises econômicas dirigem os textos narrativos a um lado agonizante e melancólico, e a outro foco, àquele capaz de abandonar o individualismo no qual está mergulhado.

Em frente a essa desilusão, alimento da prosa sul-riograndense, a grande preocupação com o presente, a falta de esperanças nas utopias e a realidade crua, são transportadas para as páginas. Então, é desencadeado o processo das narrativas curtas e fragmentadas. Essas linhas apontam para o que parece ser originário de uma razão social e, até mesmo, econômica. São reações aos problemas do cotidiano, relacionadas com a própria produção ficcional. Portanto, não há um esgotamento temático. Podemos ver um novo caminho para longe dos centros urbanos.

Podemos supor que essa nova geração de contistas se espelha, inconscientemente, nos escritores de um movimento precedente. Assim, podemos afirmar que não há cópia, mas uma revisitação àquela produção. Então se configura que essa geração formada a partir dessa primeira década do século XXI utiliza marcas da literatura moderna, mas sem romper com o movimento antecessor.

Nesse novo século, onde ocorreram mudanças da literatura, mesmo sem o rompimento com a “antiga literatura”, há algo diferente entre os novos contistas. Nem tanto pela estética ou pela gramática utilizada, mas sim, pelo fato de utilizar outro meio de comunicação entre os autores e os receptores.

Hoje, um escritor pode se lançar pelo livro; não precisa de passar antes pelo jornal para se fazer conhecido dos editores e do público. Até há bem pouco tempo era impensável que um grupo de intelectuais não encontrasse numa redação de jornal o período inicial da sua metamorfose em geração literária. [...] Textos curtos e de fácil leitura, comprometidos em geral com os acontecimentos familiares e do cotidiano que, enfeixados em livro, viram sempre um produto descartável (SANTIAGO, 1993, p.14).

O que Santiago tenta explicitar é a forma como se dá a produção literária, não há mais o conhecimento entre si dos escritores. Não há engajamento de causas sociais, não há engajamento político, tampouco espiritual. Há sim, uma forma de estabelecer uma conversa do autor com o leitor. Uma interlocução que expõe o cotidiano da sociedade, seus pensamentos e suas intenções. A relação de igualdade é passada do compositor do texto para o leitor, não sendo mais o autor um ser distante do usuário do texto, com um ar, de certa forma, familiar ao leitor.

Os textos curtos têm nesse início de século uma função especial. Eles passam a ser o objeto de leitura do homem do século XXI. Um texto rápido e dinâmico, que de certa forma vai direto ao ponto, é, sem dúvida, um tiro certo. Não existe tempo livre, dificilmente, nessa época do imediatismo, e a literatura, nesse novo período, não pode discordar desse fato.

Nem digo só a cânone literário, eu digo a tudo. Nós, como autores, seguimos o mesmo individualismo que é um pouco a marca das nossas vidas em qualquer campo, não só na literatura. Então, nós somos fruto do que a gente leu, do lugar onde cresceu, da classe social na qual a gente transitou, dos videogames que jogou, dos esportes que praticou, dos lugares para onde viajou. (GALERA, 2010)

Desse modo, essa geração de contistas do século XXI, é uma compilação da literatura que os antecedeu, não rompendo laços com ela, não a desafiando como os modernistas de 22 fizeram, durante três dias, com os parnasianos, que eram os que dominavam a literatura na época. Ou como os Orphistas fizeram em Portugal, quando chocaram a burguesia em março de 1915. Essas vanguardas são o contraponto com a modernidade, hoje, a modernidade avança sem freios, romper com sua fonte seria esquecer-se de onde beberam a água.

Essa nova geração tem como objetivo principal retratar a fragilidade dos relacionamentos em uma sociedade que, a cada segundo, torna-se mais egocêntrica, centrada na crueldade, no desejo de quem quer ser maior sem medir as consequências e na busca do prazer imediato. Eles apresentam, geralmente, um resumo das incompatibilidades humanas, escritas em frases irônicas e escrita talentosa.

Um anseio de fatalidade está entrelaçado em cada conto, embora ainda possa ser avistada esperança em alguns momentos, como se alguns personagens se envergonhassem de suas maldades. Podemos observar também o culto ao corpo

perfeito, as marcas da sociedade de consumo dos dias atuais, as escapadas habituais e temporárias para lugar nenhum. Entretanto, não existe modo de escapar de si próprio.

Outro ponto a avaliar dessa geração do século XXI é o modo áspero que as palavras, assim como a pontuação utilizada, proporcionam como modo estilístico. Para eles, os contos não necessitam de início, meio ou fim, a literatura não precisa ser linear para que seja contada a história. Os contos contemporâneos não precisam mais obedecer a limites e regras, são de certa forma, livres tanto na escrita quanto na compreensão.

Essa ambição por retratar o cotidiano da sociedade e o mais velado sonho/instinto do ser humano, pode ser vista de forma contrária. Por não haver rompimento temático e estético com a literatura que antecedeu a essa ficção da primeira década desse novo século, pode parecer que não há uma nova geração de escritores. Não houve o choque com a mesmice do pensamento burguês. A cisão com o antigo pensamento e o choque são marcas que as novas gerações literárias têm.

É importante frisar que o que surge nessa primeira década do século XXI não é, e nem pode ser tratado como movimento literário. Mesmo tendo traços literários que os definam como. Talvez essa independência seja consequência da época, pois é difícil classificá-los juntos, a não ser por se tratarem de alguns aspectos. Cada autor faz à sua maneira. “[...] nenhum deles negue o valor de um bom e velho livro impresso e disponível na prateleira, há variações em seus *modus operandi* [...]” diz Manoela Sawitzki e Luisa Kiefer na edição de número 95 da revista Aplauso.

4.1 Como se Diferenciam os Contos da Nova Geração

O conto se divide em diferentes correntes e vertentes. As principais correntes que podem ser observadas por Fernandes (2010) são:

1) a da violência ou brutalidade no espaço público e urbano; 2) a das relações privadas, na família ou no trabalho, em que aparecem indivíduos com valores degradados, com perversões e não raro em situações também de extrema violência, física ou psicológica; 3) a das narrativas fantásticas, na melhor tradição do realismo fantástico hispano-americano, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro; 4) a dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista; 5) a das obras metaficcionalistas ou de inspiração pós-moderna.

O olhar irônico e cruel é o que une essas vertentes literárias. Por outro lado, o mesmo autor pode utilizar-se de duas ou mais correntes, ou seja, elas podem coexistir.

A vertente da violência ou da brutalidade no espaço público e urbano desperta na juventude um maior interesse. Talvez por ser uma temática que é utilizada por autores como Dalton Trevisan, Clarice Lispector, Rubem Fonseca, João Antônio, Lygia Fagundes Telles. Nos anos noventa, essa literatura violenta continua sua jornada através das palavras de Altair Martins e Marcelino Freire, ambos vencedores do Prêmio Jabuti de literatura. "A utilização de estéticas realistas que visam a suscitar um efeito de espanto catártico no espectador ou leitor" diz Fernandez. Ainda nesse ponto, essa estética surge com a cultura globalizada, ou seja, uma manifestação simplesmente cultural.

Um exemplo para esse tipo de vertente literária desse novo século é o conto *Como se moesse ferro*, do escritor Altair Martins, que traz a história de um ferreiro e de uma mulher que deseja o ourives, após se arrepender descobre que era o ferreiro quem realmente amava. Altair se utiliza dessa simbologia, quando o ferro significa força e o ouro é o metal mais valioso. Sendo os dois homens manuseadores de metais, tornam-se amigos, por mexer com metal tão precioso, o ourives se utiliza desse manipular para conseguir seu objetivo, a mulher do ferreiro.

Altair Martins se apropria de elementos sólidos, como ouro e ferro, “embora a matéria se faça presente, se possa tocá-la, se imprime nela a ausência causada pela insatisfação, pelo extremo estado sólido de solidão” afirma Sanfelici (2006, p.6). A repetição de sentenças também é um recurso utilizado por Altair a fim de explicitar os sentimentos do ferreiro, pois “batia ferro como se fosse mel”, “batia ferro como se fosse margaridas”. Essa repetição mostra o ser humano por baixo do homem forjado pela dureza do material com o qual trabalha.

A mulher, então, aparece morta, fora sufocada com uma gargantilha com um pingente de coração em ferro, e o ferreiro, também morto, ao lado dela, com o corpo coberto por feridas e com uma estranha lágrima de ouro no olho esquerdo. O ourives também aparece morto, longe dali, com uma facada no peito, corações de ferro na sua barriga e um coração cravado na sua nádega.

O que podemos notar é a metáfora que reflete que o amor funde os seres, sendo que o corpo do ferreiro aparecera fundido com o da sua mulher. “No momento em que os corpos dos amantes são encontrados fundidos por uma liga inseparável, também se fundem as duas histórias paralelas do conto. E a história não contada é a metáfora do amor, que se revela na fusão dos corpos e sua transformação alquímica.” diz Sanfelici (2006, p.8).

Na vertente das relações privadas em que aparecem indivíduos com valores degradados, o conto contemporâneo, por sua vez, não se molda apenas ao espaço público, mas volta-se, de formato duro, para as relações privadas, na família ou no trabalho. Fernandes (2010) diz que são “nessas relações [...] que aparecem protagonistas pervertidos ou mesmo violentos.” Pode ser um “resumo implacável de uma certa condição humana” ou mesmo um “símbolo candente de uma ordem social ou histórica”, conforme Julio Cortázar (2006, p. 152-153).

Um exemplo dessa corrente é o conto *Humano*, de Altair Martins, ele equivale a uma cadeia de textos brutais, não somente pela história que é contada, mas pela estética, as passagens de cena para cena. Podemos notar que o conto nos remete às narrativas de Rubem Fonseca, autor de obras da literatura brutal. Os contos de Rubem Fonseca, que privilegiam a primeira pessoa, o ponto de vista violento adotado por ele, traz objetos do cotidiano do leitor. *Humano*, escrito em terceira pessoa, é uma narrativa em que o narrador existe na ironia da história. A brutalidade está em todo o conto, desde a vontade de matar a esposa, passando por cometer o ato, até a descrição de como fará sua refeição com a esposa morta. Nessa ironia do narrador, que mostra tudo com tal sagacidade, que nos pede uma reflexão acerca da história narrada com cenas de natureza brutal e violenta. E, talvez, o modo irônico de contar essa história seja o melhor método de falar de um ponto tão perverso que se contrapõe ao clima familiar.

Na vertente das narrativas fantásticas, na melhor tradição do realismo fantástico hispano-americano, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro. Embora não tenha tido muito sucesso aqui essa vertente, talvez por ter sido criada através de linhas comuns e inverossímeis, pode funcionar desde que feita de maneira a prender o leitor, mesmo não havendo nada de novo nesse tipo de narrativa.

O contista, Amílcar Bettega narra, em *Crocodilo I*, a história de um homem que se animaliza, igualando-se ao crocodilo que aparece em sua cama. A história acaba surpreendentemente, isso depois de reter a atenção do leitor durante todo o conto (como é dever do conto) o que revela que o autor tem pleno domínio da técnica da escrita. Geralmente, esses contos que tecem uma trama entre o real e o insólito são bem construídos uma vez que se trata de uma narrativa fantástica. Nessa narrativa, o que chama a atenção é natureza enlouquecedora em que se encontra o protagonista, como se desistisse da vida que tem na cidade grande. Essa fantasia persegue o protagonista. Há uma simbologia nesse texto, o crocodilo funciona como a consciência do personagem. Uma consciência obsessiva e trágica, que tanto pode devorá-lo como afagá-lo.

A vertente dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista, se passa em vilarejos, no sertão, com estradas, poeira, serras, forasteiros, gados, peões e reportando-se a épocas mais remotas. O espaço que domina o texto é o campo, entretanto as situações que ocorrem nesse campo são universais. Essa corrente utiliza-se de frases contidas, como a paisagem, que são descritas com exatidão. Em boa parte dos contos, a linguagem aparece como diferencial para o estilo que o autor propõe. Geralmente, as histórias e os personagens são carregados de significados.

Pau-de-Arrasto, escrita pelo contista Cícero Galeno Lopes, demonstra o ressoar da voz nitidamente regionalista, assim como Simões Lopes Neto, utilizando uma narrativa que se desenrola no que tange a memória. Por outro lado, ouve-se a autoridade do autor, diferentemente do narrador-personagem dos contos de Simões Lopes Neto. Percebe-se a autonomia da voz de Cícero. Diferente do narrador-personagem de *Contos Gauchescos*, o narrador de *Pau-de-Arrasto* é mais neutro: usa o linguajar do campo, onde o olhar do personagem, que conhece aquela região é necessário para o funcionamento dessa temática.

A vertente das obras metaficcionalis ou de inspiração pós-moderna traz uma reflexão sobre o destino e o que acontece quando ele chega, e a natureza do Universo, sobre a atividade pessoal, repercutindo certos dramas da sociedade na qual o narrador está inserido. Miséria e violência formam um conjunto temático denso que transcende a trivialidade do caso, e os contos ali postos ajudam a narrativa a agregar a profundidade e o alcance que suas finalidades necessitam. Além disso, efeitos de estilo como melancolia e mudança de tema conseguem atingir essa proposta de metaficção que o texto escrito exige.

Por outro lado, Fernandes (2010) explica que “Alguns autores [...] não intentaram, em hipótese alguma, fazer uma *disputa* com Machado de Assis ou com Guimarães Rosa - o que seria uma imperdoável ingenuidade”. Entretanto, alguns escritores tentaram estabelecer, em alguns casos, um diálogo com os nossos escritores símbolos. Como acontece nas metaficções, há diálogos que desconstroem. “De todo modo, um diálogo inteligente, instrutivo até” completa Fernandes (2010).

Podemos, ainda, falar sobre o retorno ao intertexto, que cita dentro do próprio texto a obra referenciada. Trata-se de *Complexo de Ripley*, por exemplo, de Rudiran Messias. O autor explicita, logo no começo do texto, que estamos diante de uma releitura do estereótipo criado por Patrícia Highsmith, escritora estadunidense, criadora do personagem *Thomas Ripley*. Narrado em primeira pessoa, o personagem diz que quer

ser outro. Sendo fã da obra de Highsmith e, auxiliado pelo devaneio que o invade, resolve “imitar” a personalidade de Ripley. Esse método mostra a esperteza do autor. Quando o personagem deseja se vestir como Ripley, a narrativa obtém liberdade para utilizar o modelo construído pelo texto no qual foi inspirado: “o narrador-personagem que escolhe viver sua vida conforme deseja através de um ponto inicial.”, explica Fernandes (2010).

5. Nicolás Poloni

Nícolas Alaor França Poloni, contista caxiense, hoje, graduando em Letras, bacharelado, com ênfase em Inglês/Português, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tem marcada sua obra, assim como os demais contistas gaúchos do século XXI, pela temática da Solidão. Essa Solidão, nos contos e minicontos de Nicolás Poloni, funciona como válvula de escape a partir de uma relação autor-narrador como voz comum no texto. Embora a solidão seja o ponto do presente trabalho, apelo machista, animalização, morte, nostalgia, sentimentos não correspondidos e sadismo também são temáticas recorrentes na obra de Nicolás Poloni.

“Eu te amo” revela o fluxo de consciência como recurso literário nos contos de Nicolás Poloni. Esse recurso, utilizado por James Joyce em *Ulisses* (1922) e Virginia Woolf em *Miss Dalloway* (1925), consiste numa estrutura de monólogo interior de um ou mais personagens e é transcrito de forma rápida e objetiva, sem perda de sentido. Nesta técnica, a narrativa apresenta-se como um fluxo de pensamentos que intercepta presente e passado, quebrando os limites de espaço ou tempo. No fluxo de consciência há uma quebra da narrativa linear, onde já não é possível distinguir, claramente, entre as lembranças da personagem e a situação presentemente narrada.

Amanhã vou bater na tua porta e vou levar flores e bombons em uma caixa enfeitada com um laço vermelho e vou dizer que te amo não porque você quer ouvir que eu te amo acho até que você não quer saber que te amo porque isso te machuca e isso me machuca também mas porque eu tenho vontade de dizer e sei que a porta vai estar fechada e talvez você não abra porque talvez você não esteja lá ou talvez porque você não queira me ver [...] (retirado do conto “Eu te Amo”)⁸

Certos contos de Nicolás Poloni são focalizados na ótica do homem como soberano em frente aos anseios femininos. O homem deseja concretizar seus objetivos, ou seja, se satisfazer sexualmente e controlar sua fêmea. Em “A noite passada”, o homem se satisfaz quase que totalmente, não buscando apenas o prazer físico, mas sim o prazer psicológico. Quer exercer poder sobre sua parceira.

⁸ Todos os contos do escritor Nicolás Poloni estão em anexo

Passei a despir-me, ainda estava com o músculo bem irrigado, pronto para trabalhar. Deitei sobre seu corpo, abri-lhe as pernas e comecei a introduzir meu músculo em sua genitália. Estava seca, apertada, mas consegui chegar ao fundo, completamente dentro do seu corpo e urrei de prazer. [...] Os olhos! Os olhos!, eu balbuciava com os dentes apertados com força extrema. Tinha vontade de socá-la. Eu não queria nenhum sorriso, eu queria os olhos, somente os olhos, ela devia me ver, devia abrir os olhos, dava um dedo...” (retirado do conto “A noite passada”)

Ainda em “A noite passada”, pode-se notar a animalização do personagem enquanto força a relação sexual.

[...] Aumentei o ritmo, os seios acompanharam, aumentei mais, os seios acompanharam. Já utilizava todas as minhas forças, suave como um animal, escorregava sobre seu corpo, entre idas e vindas violentas, entrava e saía de dentro dela, não conseguia ver seus olhos.[...]

Um animal difere do homem, pois este tem a capacidade de se considerar como um ser independente, de lembrar o passado e visualizar o futuro, de usar sua razão para compreender e imaginar o mundo, indicar objetos e atos por meio de símbolos e valer-se de sua imaginação. Pelo fato de os animais parecem ser mais livres, despreocupados e senhores de si mesmos, parece que estão sempre seguros de seus atos. Se por um lado isto parece ser uma visão antropomórfica, por outro, os animais tem uma razão para serem assim vistos pelo homem. Sua bagagem instintiva, seu recibo de existência. Wolfgang Kayser fala que “na arte da narrativa, o narrador não é jamais o autor [...] mas é um papel inventado e adotado pelo autor[...], um personagem de ficção no qual o autor está metamorfoseado”(1970, p. 504, in BITTENCOURT, 1999, p.173), ou seja, é um múltiplo do autor. Essa alteridade está ligada ao universo ficcional que o autor deseja criar em suas narrativas. O distanciamento do autor para com o narrador provoca estranheza do leitor com o texto narrativo, pois nele o narrador mostra sua animalidade e não-civilidade com seus iguais. Tamanho distanciamento pode, por vezes, aproximar o narrador do autor, assim como as pontas de uma ferradura que, apenas parecendo estar tão longe uma da outra, quando na realidade, a proximidade quase as une.

A morte, como abordagem, perpassa alguns contos da obra de Nicolás Poloni, sendo essa temática a de maior impacto nos contos. Esse tema choca o leitor pelo fato de humanizar os sentimentos do narrador, antes animalizado e impiedoso. Em ‘Tarde na

Capela', há esse contraste com os demais contos, pois o sentimento de perda e o tom melancólico do narrador demonstram a infelicidade daquele acontecido.

Virou-se de frente ao altar e ficou observando o homenzinho pregado a uma cruz que parecia olhar tristemente em direção ao caixão. Ela entendia a sua dor. Deixou um resto de água no copo e voltou à sua cadeira. Não sentou, porém. Ficou de pé ao lado do caixão, ora olhando seu amado, ora olhando o homenzinho da cruz. “Você também acha que ele está com sede?”, e despejou vagarosamente o resto de água sobre a boca do falecido, tomando o cuidado de usar um lenço para não molhar-lhe o terno. (retirado do conto “Tarde na Capela”)

Embora não haja a palavra “morte”, Nicolás Poloni, “suaviza” esse uso com detalhes que, por vezes, chocam mais. O fato narrado então se torna mais descrito, mais igual aos sentimentos verdadeiros em tal hora. Descrevendo esta cena e esses sentimentos, Nicolás Poloni, consegue uma formulação de modo que amor, amizade e sinceridade concatenam-se em apenas uma fala.

Lembrar do passado também faz parte dos personagens dos contos de Nicolás Poloni. Em ‘Do Tamanho de uma Laranja’, o narrador conta uma vida toda em ‘flashes’, ou seja, descreve a vida de um homem após ser diagnosticado um tumor no cérebro. Esse personagem busca, nas suas memórias da vida, sentimentos parecidos com os quais está sentindo no momento:

Lembrou-se da infância, do dia que achou que o mundo ia acabar (maldito Nostradamus) e correu sob a chuva, chorando, procurando um lugar que não fosse mundo para se proteger. Quanto mais corria, mais se via em meio ao mundo. Pessoas passando, rostos desconhecidos, carros velozes, homens gritando, mulheres chorando, crianças pedindo esmola. Enfim, encontrou uma laranjeira, um dos poucos seres frutíferos com o qual se deparou. Ficou ali embaixo, escondido, esperando o mundo acabar. Adormeceu. (retirado do conto “Do Tamanho de Uma Laranja”)

Os sentimentos não correspondidos também fazem parte dos contos analisados. Os sentimentos aqui referidos podem ser de amor e ódio, sendo que um não descarta o outro. Em certos momentos, o narrador implora por qualquer sentimento que possa vir dos personagens. “Mudança” demonstra que qualquer sentimento é bem vindo, se vier. Não há opção de permanecer como está, deve haver alguma coisa, algum sentimento na alma.

- Eu senti tua falta.

Ela suspira e baixa os olhos. Ele insiste:

- Eu sinto tua falta. Não quero que tu vá.

- Nós já discutimos isso.

- Eu sei. Mas é que...

- Eu não quero mais discutir. Acabou.

A última palavra deixou-o sem expressão alguma. Ele olha para os lados procurando um lugar fixo para enterrar seus pensamentos e suas esperanças. Ela tenta consertar:

- Eu não queria que fosse assim, mas...

- Tu precisa de ajuda para arrumar as caixas? – ele a interrompe.

- Como?

- As caixas...Precisa de ajuda?

- Não, obrigada, já estou no final.

- Tá bom. Eu vou indo, então.

- Mas... – pausa - Claro, pode ir.

- Oquei. Adeus, então.

- Adeus.

(retirado do conto “Mudança”)

Podemos incorporar o tema “sadismo” junto ao sentimento de animalização, por serem irracionais e deliberadamente instintivos. Guardadas as intensidades das temáticas, o que pode ser absorvido desse tema é que a dor causa prazer para o narrador desse conto. Entretanto, essa sensação de prazer e excitação provocados pela dor dos outros de nenhuma forma pode ser comparada aos sentimentos sexuais dos demais contos, pois nas obras analisadas, o sadismo aparece junto à morte.

O primeiro tiro foi por diversão. Acertei bem no meio da testa do cara sentado à direita da porta. Sorri, ergui a mão esquerda e, com a outra pistola, atirei com raiva no gordo que havia parado de comer as batatas-fritas depois do estrondo do primeiro tiro. Um a menos. O terceiro foi por nojo. Nojo daquele filho-da-puta que arregalou os olhos de pavor. Morreu como um rato, temeroso. O quarto foi em legítima defesa. Eu já estava quase na mira do trinta-e-oito do dono do bar. Mesmo no susto, outro tiro bem no meio da testa. Que mira! O quinto matei pelas costas. É contra os meus princípios, mas ele estava fugindo e ninguém podia fugir. (retirado do conto “Sem Título”)

Mesmo que o narrador tenha uma espécie de gozo após cada morte, ele não planeja, deixa o instinto levar seus movimentos.

O amanhecer, o despertar de um sono, o nascer do sol é outro fato recorrente nos contos de Nicolás Poloni. “Acordou e demorou alguns segundos para acostumar os olhos com o pouco de luz que atravessava a janela do quarto” (retirado de “Sono dos justos”). “Acordou pela enésima vez e constatou, ainda eram oito e alguma coisa da manhã.” (retirado de “Um dia Frio”). “Acordei no dia seguinte ainda nu, olhei para o lado e não a vi” (retirado de “A noite Passada”). Esse renascer do sol no dia do

acontecimento, ou apenas o acordar e deparar-se com um fato inesperado, aponta para um fato que não poderia acontecer. O nascer do sol proporciona ao leitor um tempo limite de duração do conto, ou seja, o leitor sabe que nem sempre o fato ocorre, ou que é apenas uma cena da vida dos personagens que está sendo contada durante os contos.

Outro elemento que podemos destacar como sendo ponto de partida para os contos de Nicolás Poloni, é a cama. “A imagem dela me vinha à cabeça a todo o momento. Deitado na cama, olhava para o teto com o sorriso mais idiota do mundo.” (retirado de “Embasbacado”), “Ao entrar no quarto, a vi deitada sobre a cama.” (retirado de “A Noite Passada”). Nicolás procura, aqui, com esse adereço, posicionar seus contos em uma atmosfera de pertencimento do conto ao cotidiano do leitor. Assim, nada parecerá estranho para o leitor, pois ele saberá onde ocorre a cena.

Junto aos elementos cênicos apresentados, podemos agregar algum detalhamento que talvez mostrado não tivesse o mesmo efeito. Em “A noite passada” a moça:

Estava de barriga para cima, o rosto voltado para o lado direito, com a franja que lhe caía sobre os olhos. Um braço paralelo ao tronco, o outro erguido com a mão quase lhe tocando a boca. Era pequena, mas já muito bem formada. De onde estava podia ver os seios fartos volumando a blusa decotada que vestia. A calça jeans era justa, mostrava o contorno de suas coxas, não muito grandes, não muito pequenas, do jeito que eu gostava.

Pode-se dizer que tamanha descrição aumenta a capacidade de formularmos a cena mentalmente. Mostra-nos o caminho de como ocorrerá tal cena. Entretanto, o narrador utiliza esse efeito para que não desviemos nossa atenção do restante do conto. Assim, esse tipo de trama feita pelo narrador, guia o leitor por caminhos bem definidos. Esse leitor é proibido de criar, deve apenas acompanhar os fatos.

5.1 O Narrador e Estilística dos Contos

Nos contos analisados, encontramos, quatro tipos de narradores: o Narrador-Protagonista (aquele que conta sua própria história) como nos contos, o Narrador-Testemunha (aquele que o narrador é um personagem da história, entretanto apenas conta a história do protagonista), o Narrador-Onisciente (aquele que conhece todas as ações, pensamentos e desdobres da história) e o Narrador-quase-Onisciente (aquele que conta o que pode ser observado por qualquer um dentre os personagens). Esses

narradores são utilizados para mostrar o distanciamento do autor para com o narrador (FRIEDMAN apud TUTIKIAN; GONZAGA).⁹

O narrador, em Nicolás Poloni, se confunde com o ser narrado. O narrador interage com a dor, com os sentimentos envolvidos na trama. Não há uma separação por parte do narrado entre as histórias contadas e os personagens. O narrador toma partido, se iguala com os sentimentos, se humaniza, se animaliza, se amaldiçoa por ser humano e conta fatos como Deus.

Outro fato que podemos notar, também, é que o narrador não dá nome (com exceção do conto “Seu Romero”) aos personagens principais de seus contos e minicontos. Embora ainda use nome em personagens secundários de pouca expressão nos textos, há omissão desses nomes principais. O professor Luís Augusto Fischer expõe que “[...] em nossa experiência trivial, cotidiana, o nome de qualquer pessoa é como que uma preliminar para qualquer contato: pelo nome sabemos, de saída, uma série de informações, e pelo nome a pessoa será referida e arquivada em nossa memória” (FISCHER, 1998. In SANTOS; SANTOS, 1998, p.187). O que podemos inferir disso é que o narrador busca não posicionar-se quanto aos locais e aos nomes, ou seja, ele procura não posicionar seus personagens em um local fácil de ser detectado pelo leitor. Essa incógnita do nome vincula-se à falta de biografia de seus personagens. Pois já que não há nome, não há identidade.

O interfone toca. Ela atende.

- Sou eu

Ela hesita, mas aperta o interruptor e ouve o barulho do portão se abrindo.

Não o espera chegar, deixa a porta entreaberta e volta a pôr os pratos dentro da caixa para simular uma distração qualquer. Ele chega, empurra a porta, ela se vira.

- Oi.

- Oi – ela responde enquanto põe as mãos na cintura e solta o ar dos pulmões.

- Eu te trouxe essas flores – dá um passo à frente e estica o braço oferecendo um buquê de rosas.

- Obrigada – sorriso forçado no rosto – Vou pôr na água – se desloca à cozinha, enche um vaso e põe as flores dentro, acomodando-as sobre a mesa da sala.

- E como tu tá?

(retirado do conto “Mudança”)

⁹ Texto original não publicado, resultado de oficina literária, 2008

Como não há designação dos personagens, nem descrição física ou faixa etária, não há época ou período ou qualquer indicação de momento em que ocorrem as narrativas, o que torna o conto atemporal. Ao mesmo tempo, a falta de nome não destaca a região, sociedade ou cultura em quem está inserido o conto. Isso provoca no leitor certa angústia por não identificar o personagem, apenas acompanhá-lo, identificando-se somente com os sentimentos e com os atos pré-programados pelo narrador. A falta desse fator sócio-cultural e regional é proposital, para que assim possa ser absorvido em qualquer momento de leitura.

Quase não compreendia como aquilo poderia ocorrer. Lembrou que, algumas horas atrás, aquela mesma cabeça fazia-o suspirar por estar, justamente, longe de seu peito, cuidando de sua genitália. [...] Como podia aquela mesma cabeça, antes envolvida com sua genitália, acomodar-se agora em seu peito, tão perto do coração. Eram dois sentimentos que não se valiam, pensava. Chegou a causar-lhe repulsa. (retirado do conto Sono dos Justos)

A identificação com o personagem acontece por inúmeros fatores, um deles é a forma como a história é contada. Assim como em Dom Casmurro, um dos romances mais famosos da cultura literária brasileira, de Machado de Assis, Bentinho, o narrador, mostra apenas a sua versão da história, fazendo de Capitu a causadora de todo mal de sua vida, há uma identificação do narrador para com o personagem, na verdade, esse processo é mais uma defesa do que identificação. O personagem narrado se confunde através das linhas com o narrador. Essa defesa mostra que ambos compartilham as mesmas idéias quanto a sentimentos, paixões, descrenças e, principalmente, escrúpulos e falas.

5.2 Análise Crítica, Solidão Patente

Do tamanho de uma laranja

Com o Conto “Do Tamanho De Uma Laranja”, Nicolás Poloni mostra destacadamente as lembranças de um personagem que se confronta com a morte eminente causada por um tumor no cérebro. É importante salientar que nesse processo de exposição do seu passado, o narrador não nos é apresentado. O título do conto faz referência à doença em meio a lembranças do personagem. O narrador deste conto parece conhecer o passado do personagem e o confirma a cada história contada por ele enquanto relembra seu passado. Faz afirmações sobre um passado longínquo, sua

infância, e sobre seu passado recente. Não há nomes citados, com exceção de Garrincha, ex-jogador de futebol, e Nostradamus (Michel de Nostredame), médico que em 1555 lançou um livro de centúrias, que continham o que seria versos codificados, tais versos seriam profecias. Mas esse só aparece no conto para contextualização da história. Os outros personagens são tratados pelo grau de parentesco (filha, avô, avó...).

A narrativa começa com a frase que guia o conto, que é repetida ao início de cada parágrafo, como se fosse um mantra, ou apenas para que o leitor não se esqueça do que afirma. O narrador não cita nomes, nem local dos acontecimentos. Somente fatos marcantes da sua vida, que podem ser ou tem a ver com o tamanho de uma laranja. Entretanto, não há como afirmar se tais fatos ocorreram de verdade ou são fatos que o narrador dá ao personagem para que ele possa ter tido uma vida boa. Tais invenções sobre a vida do personagem poderiam amenizar o sofrimento perante a morte.

Um dos dados a ser abordado aqui é a questão da solidão, pois o homem, já de meia idade, tem apenas a companhia de um cigarro, que não havia sido tragado ainda. O narrador não nos dá pistas sobre o motivo do personagem estar só, embora possamos presumir que está só para refletir sobre sua vida. Podemos inferir que a solidão, neste caso, sirva como a antecipação da morte, uma ilustração do que poderá ser o fim. É possível fazer essa inferência, pois a vida passa como um filme em sua frente antes do derradeiro momento. O personagem, em seu final, reflete sobre a existência.

A Noite Passada

“A Noite Passada”, assim como toda a proposta de contos de Nicolás Poloni, tem por base a descrição minuciosa de detalhes. Este conto é narrado em primeira pessoa. Poloni busca, através dessa narrativa, expor os sentimentos primitivos do homem nas relações humanas. O narrador conta como um dia chega ao quarto (não especificado de quem) e se depara com uma jovem deitada. Quanto maior é o desdém do personagem por ele, maior é sua gana de tê-la. Possuído, então, por uma animalesca atitude (que o elide de qualquer receio), ele a toma, a deflora, e sua única e intensa questão é saber como são os olhos dela. Quando ela parte, no dia seguinte, o narrador se pergunta como seriam os olhos.

A erotização e a sexualidade permeiam nossa sociedade, desde os livros aos canais adultos de televisão por assinatura. Expor isto, a alma irracional e seu instinto animal, faz desse conto um texto modelar. O narrador do conto parece ter domínio da situação, quando, na verdade, a mulher que antes estava deitada, tinha o domínio. Ela

delimitou os passos do narrador, enquanto ele se escondia atrás de um misto de truculência e vontade.

A solidão aparece nesse conto como uma solidão física no final da narrativa. Entretanto, o que chama a atenção é a solidão durante o ato sexual realizado entre os personagens. O narrador conta como possuiu a menina que outrora estava deitada em sua cama: com um braço paralelo ao tronco e o outro quase lhe tocando a boca, somente ele faz movimentos, no momento em que ele a beija, ela não retribui ao beijo. O próprio narrador nos conta que “Acordei no dia seguinte [...] Estava completamente sozinho, como o de costume.” Essa solidão repetitiva para o narrador demonstra a solidão que lhe é imposta pelos seus iguais.

Embasbacado

Certo dia, em uma boate, o narrador avista uma moça, a mulher mais perfeita que viu na vida, mas, como se acha feio, muito feio, não se sente à vontade para conhecê-la. Então a segue até sua casa. Noutro dia, passa por lá e a vê na parada de ônibus. Faz isso por duas semanas. Enquanto isso, tem um diálogo com seu teto, e o teto o ofende: “Frouxo! Ouvia-o dizer.” Então, vai até a boate onde ela estava com suas amigas, toma sucessivas doses de uísque, dirige-se até ela e, como já estava embriagado, ela se esquiva. Cai no chão, gritando que a ama, mas os seguranças do estabelecimento o retiram de lá à força e o jogam na calçada. Deitado em frente à boate, ele pede que seu vômito leve junto seu amor pela menina por quem se apaixonou sem efetivamente conhecê-la.

Neste conto, Nicolás Poloni, revela uma história de amor não correspondido, revelando um sentimento de vazio que o personagem sente ao tentar se apaixonar.

O narrador idealiza a paixão de sua vida em um objeto inalcançável, pois, como já dissemos, se considera feio. Frente a isso, ele descreve uma mulher ideal, perfeita fisicamente. Esse desejo de conseguir o inatingível pode ser uma forma de jamais ter o que se deseja. “*Eu poderia ter parado e lhe oferecido carona, mas ela com certeza não entenderia. Acharia que era um assaltante, um seqüestrador, um estuprador ou pior, veria que sou feio, muito feio.*” Ele se foca na perfeição dela e nas imperfeições dele para que assim possa continuar solitário.

Outro ponto a ser considerado nesse conto é o fato de o narrador conversar e, por vezes, brigar com seu ‘teto’. Na verdade, o teto é sua consciência reprimida, a única voz que pode ‘alertá-lo’ sobre como agir. O teto é seu alter ego. Esse tipo de solidão

destacada pelo personagem de Nicolás Poloni, neste conto, é forçada por ele próprio. A partir do momento em que ele se depara com sua suposta feiúra, ele automaticamente se isola do mundo. Essa imposição do isolamento sentimental é definitivamente de autoria do personagem, que passa a se isolar por achar-se diferente. Essa solidão escrita por Nicolás Poloni é espelhada na realidade atual, embora não haja definição de época no conto.

Seu Romero

Nicolás Poloni, no conto “Seu Romero”, narra a história de um homem de idade indeterminada num dia de sua vida. Por possuir cabelos e bigodes grisalhos, podemos deduzir que ele tenha uns 60, 70 anos de idade. Durante esse dia, Seu Romero faz tudo que sempre fez exatamente igual aos outros dias. Lava o rosto, toma o café da manhã, tira o pijama e veste uma roupa leve, enquanto desce as escadas do seu edifício, lembra-se de como recebera seu nome. Caminha na rua enquanto recorda como era bom antigamente, sem concreto, aço e carros e poluição. Encontra amigos taxistas, promete voltar, sabendo que voltaria na mesma hora do dia seguinte. Depara-se com um jovem que, em seu pensamento, tentava blindar o som da rua com o som dos seus fones de ouvido, com um volume tão alto que deixava Seu Romero atordoado. Após a caminhada, Seu Romero reencontra o porteiro que concorda que antigamente era melhor. Sobe as escadas, vagorosamente, encontra-se só. Confronta-se com o relógio, e enquanto espera a hora de deitar, para recomeçar tudo no dia seguinte, ouve rádio, para que possa saber do mundo a que não pertence.

Neste conto, diferentemente dos outros contos citados no presente trabalho, Nicolás Poloni dá nome aos personagens deste conto para que houvesse uma história a ser contada através do nome do personagem. Já que Seu Romero nasceu durante uma romaria, ou para homenagear o cantor de bolero, Romero Paolo, que seu pai adorava.

É possível ver nitidamente a solidão como ponto de fuga do personagem, pois para fugir do mundo que o desagrada, ele torna a lembrar de um passado, onde “em seu tempo a qualidade dos bolos era melhor e pronto” e as frutas tinham outro gosto, um bem melhor. Quando lembrar se torna mais prazeroso que viver, não há como fugir disso. Esse extremo da fuga se torna vício e o vício é mais prazeroso que a novidade. Essa saudade de um local bucólico deve-se ao fato de, agora, Seu Romero viver só, isolado, tendo um apartamento e ninguém para dividi-lo.

O narrador deste conto se identifica com o personagem principal, faz dele a vida que não possui. As lembranças não são somente de Seu Romero, mas também do personagem que se aproxima a cada fala, em cada lembrança. Em momento algum, o narrador confronta as idéias de Romero, é conivente sempre, e mostra piedade com o sofrimento dele.

Mudança

“Mudança” é a história de um casal que se separa, após o término do relacionamento, ele, ainda apaixonado, tenta retomar a relação, mas ela reafirma seu compromisso de distância daquele sentimento que tinha por ele.

O rapaz, carregando flores, vai até a casa da sua ex-namorada para convencê-la a ficar com ele. Diante do constrangimento causado pela situação, o rapaz se apega a detalhes do antigo apartamento da moça. Após a tentativa frustrada de reatar, os homens que farão a mudança de apartamento da moça chegam. Eles levam os eletrodomésticos, os móveis, as caixas. O rapaz e a moça deixam o apartamento, batem a porta. Entretanto o vaso, onde estavam as flores que o rapaz trouxe, continuou no meio da sala de estar.

Esse conto mostra os sentimentos não correspondidos e relacionamentos mal acabados. O rapaz implora pela companhia da moça, humilha-se em troca de migalhas de sentimento que já não existem mais. Esse sentimento fora abandonado por ela. A última cena desse conto comprova essa afirmação. O vaso abandonado no meio da sala vazia, no antigo apartamento onde foram felizes, mostra que o sentimento que antes era dos dois agora deve ser deixado para traz: é de um só. E o apartamento onde foram felizes, agora deve ser esquecido. Ou seja, a simbologia nesse conto é simples, o apartamento do qual ela se muda é a relação entre os dois, o vaso é o sentimento dele por ela, que agora é deixado de lado.

Eu te amo

Neste conto, Nicolás Poloni, utiliza o fluxo de consciência como recurso narrativo, transformando o subconsciente e o inconsciente em matéria discursiva e estética. O Fluxo de Consciência alcança durante as cenas outras possibilidades se misturando à informacionalidade e demais características do dramático. Não é necessário prender-se a personagens ou fábula. Nele a história que é contada revela os pensamentos e reflexões de um jovem. Esse jovem imagina como seria o reencontro entre ele e sua ex-namorada, que há um ano não se encontram.

Para qualquer atitude que ele pense em ter durante a conversa, que supostamente ocorrerá no dia posterior, há uma possibilidade de erro. A moça pode não estar, pode estar trabalhando, pode não querer atendê-lo. Se ela atender a porta, ele queria dizer que ainda a ama, que sente saudades... Mesmo que ele saiba que pode se machucar e machucá-la emocionalmente, ainda assim, a dor de não tê-la é ainda maior.

A solidão do homem com seus pensamentos, com suas opiniões, exclui o pensamento da outra parte, a moça. Para o rapaz, não importa o que ela pensa. Importa o que ele pensa sobre o fato. Apesar do pensamento do jovem ser sensivelmente contínuo, podemos notar que ele se preocupa também em sempre ter uma resposta positiva para si próprio. Ele nunca é culpado pleno pelos atos. Um exemplo disso é: se ela não abrir a porta de casa, é porque ela não está ou mudou-se. Mesmo levantando a hipótese de ela não querer vê-lo, o raciocínio desenvolvido por ele é que ela não pôde atendê-lo, pois um motivo mais forte aconteceu. Por não acreditar em ser o causador desse dilema, o narrador nos mostra uma faceta, de certo modo, egoísta.

Sem título

Esse conto narra a história de um homem revestido de frieza que, certo dia, com sol a pino, adentra num bar, armado com duas pistolas. Então começa a fazer disparos contra os clientes e funcionários do local. Após descrever friamente como assassinou um por um dos que estavam no estabelecimento, ele se senta, bebe uísque enquanto espera o cozinheiro ou a cozinheira sair da cozinha para “acabar com o serviço”. Mesmo passando por cima de seus princípios duvidosos, como atirar em alguém pelas costas ou matar uma mulher, o narrador não se importa com o fato de matar, mas sim com o fato de não deixar ninguém vivo.

O certo é que algo levou o personagem deste conto a cometer essa barbárie. Isso pode ser comprovado, pois é o narrador-personagem quem deseja ficar ao lado dos corpos sem vida, dos que antes trabalhavam ou consumiam no bar. Como se desejasse obter uma vingança ante os frequentadores e funcionários do recinto, ele queria ficar junto aos corpos, mas sozinho, ou seja, sendo o único com vida na ala principal da casa comercial. Poderia ser apenas um dia obscuro do seu cotidiano, aquele, um dia em que deixou seu lado animalesco tomar conta da sua racionalidade. Os primeiros tiros, apesar de terem sido planejados, foram instintivos também.

Não distante desses pontos, esse desejo mórbido de coexistir com cadáveres, demonstra uma força de querer ser rodeado de pessoas. Querer estar junto, mesmo que com corpos sem vida, explorando a morte como agregadora de companhias.

Tarde na capela

Esse conto narra a história de uma senhora que vela o corpo do seu esposo. Durante esse velório, ela toca a mão do falecido, tenta refletir sobre aquele momento em que veria pela última vez seu, agora morto, esposo. Ao dirigir-se ao fundo da sala, confronta-se com um crucifixo. Concorde com o olhar triste que o homenzinho, fixado na cruz, tinha. Ela dá água na boca ao finado, usa um lenço para limpá-lo quando derruba água fora de sua boca. A mulher, com medo de que viessem para levar o corpo à sepultura, sobe em um banco e deita-se sobre seu esposo.

Nícolás, aqui, reflete sobre a morte, solidão e amor ou costume. Morte do homem, do casal, da comunhão que perdurou anos entre eles. Da solidão em que se encontra a senhora que vela o esposo que tanto tempo fora seu parceiro de vida e de sentimentos. Amor que, pode não ter surgido no início da relação entre os dois, mas com o tempo, acostumados um com o outro.

Nesse conto, há uma intencionalidade por parte do narrador sobre a visão que pessoas comuns teriam sobre assistir tais cenas. O narrador usa o recurso da repetição para especificar seu modo de vista: “Quem olhasse de fora veria...” A partir daí, Nícolás Poloni faz uma demonstração de como a solidão e a morte, ou sentimento de perda, andam juntos, evidenciando, assim, várias visões para a mesma cena.

Nícolás Poloni retrata a solidão na forma dos sentimentos da senhora que vela o marido. A senhora se sente tão sozinha que, quando toca as marcas de pele, eles se misturam. Essa necessidade do toque entre os dois, a esposa e seu marido, denota a saudade que ela sente, a solidão que toma seus sentimentos.

Um dia frio

O narrador explica que o personagem principal dormiu mal, entre mosquitos e pesadelos. Então sentia frio em um dia de verão. A neblina cobria sua visão, quando olhara pela janela. De férias, o homem, sentou, tomou o café, leu o jornal, como num dia normal. Como a casa estava fechada para que a neblina não entrasse, o homem resolveu acabar de ler um livro. Enfim abriu a janela, a neblina tomou conta do quarto, de sua cama e, finalmente, do homem.

Podemos destacar o modo como Nicolás Poloni usa a neblina como arma de cena. A neblina, nesse caso, simboliza a morte. Ele, o homem, não tem medo dela, entretanto, tenta barrá-la. Quando isso se torna impossível, ele a deixa entrar, pois já está entediado com a vida que leva. Esse fato deve-se ao comportamento solitário do homem que, finalmente, consegue relaxar, descansar quando a neblina adentra ao quarto. Essa neblina contínua não envolve apenas o personagem, mas a história que foi contada. Primeiro a neblina encobre sua visão, por uns 10 metros, após, as copas das árvores, as casas dos vizinhos, seu cachorro, seu quarto etc.

Sob o prisma da morte, os momentos de solidão que são manifestados pelo personagem tomam maior proporção. São mais facilmente vistos pelo leitor. O conto não se passa em um ambiente sombrio, ao contrário, o conto se passa em um momento diurno. O homem encontra-se sozinho, em casa, nenhum vizinho, ninguém na rua, melancólico e enfadado, num dia sem utilidades.

Partirei ao amanhecer

Um homem morre e a família resolve velar o corpo na sala de casa por compreender que seria mais confortável para ele. Enquanto os demais se dirigiam ao caixão, para observar o corpo sem vida, cumprimentavam os pais do falecido. Então o homem, que estava dentro do caixão, reaparece, e pede que comemorem sua volta. Todos festejam sua volta com bebidas e charutos. Querem brindar a segunda chance que seu amigo e familiar teve. Enquanto um por um dos presentes se cansava de brindar e recolhia-se ao sono, o homem se aproximou de seus pais, que repousavam no sofá, e com um afago em seus cabelos se despediu.

Quando Nicolás utiliza o recurso da aparição do jovem, que havia falecido no dia anterior, ele o faz como meio para amenizar a solidão que os pais do rapaz estavam sentindo, pois o velório na sala de casa foi de desejo de seus pais. Mesmo a casa estando cheia, o sentimento de vazio não findou até o retorno do filho antes morto. Como o texto retrata apenas uma cena da vida, ou morte, de um rapaz, o narrador não se deteve em retratar o relacionamento do jovem com os parentes e os amigos, mas podemos supor que o jovem era tratado de modo diferente do modo como foi tratado naquela noite. O jovem, então, passaria receber constantes visitas de amigos. E que eles aproveitariam cada dia, um após o outro, para que não mais precisassem achar injusta a vida tê-lo tirado tão jovem.

O sono dos justos

O homem acorda e nota que está acompanhado. Faz outra conferência e confirma que há uma mulher recostada em seu peito. Não entende o que está acontecendo. Então, lembra que a dona daquela cabeça fizera sexo com ele antes de cair no sono. Fica repugnado com a presença da moça em seu peito, pois estava acostumado a pagar após terminar o sexo. De tão enojado, pensa em cuspir, expulsá-la da casa, expulsá-la da cama. Arremessá-la pra longe. Ao mesmo tempo, ele quer perdoá-la, pois sente algo pela cabeça que repousa em seu peito. Como é o juiz, o júri e o executor, ele diz: “Eu te perdoo, meu amor. Vai ficar tudo bem”.

Nícolas narra a história de um homem acostumado com a solidão e com o desapego emocional. Ele não compreende como pode gostar de alguém, e nem como alguém consegue gostar dele. Parece que o personagem sente medo por não estar mais só, e o nojo que ele sente é por si próprio. Como alguém que fizera sexo com ele, pode continuar ali, naquele ambiente? É a questão. Quer dizer: as prostitutas que antes faziam o “serviço” poderiam estar tão sujas quanto ele, mas após o pagamento, a sujeira desapareceria. Já com alguém de quem ele gosta, isso não é possível. O personagem sente medo, por isso despreza a mulher. Medo de ser correspondido em seus sentimentos, medo de perceber que tem sentimento. Afinal, um solitário não pode amar e ser amado. Daí tamanha incompreensão do personagem com a cabeça que se apoiava em seu peito.

Esse medo que o personagem sente de amar e ser amado, pode ser considerado como medo de desacostumar-se a ser só. Pois pode deixar de ser solitário, com a companhia da mulher que deita em seu peito, e, caso alguma coisa saia do normal, será difícil voltar à solidão novamente.

Considerações Finais

Com uma linguagem moderna e, ao mesmo tempo, comum, Nicolás Poloni se multiplica como narrador da solidão da contemporaneidade, e o faz através de textos simples, com símbolos e metáforas da vida e dos sentimentos de pessoas que poderiam ser quaisquer um de nós.

Essas referências do mundo expostas nas narrativas de Nicolás, juntamente com os elementos cênicos, e o modo como os estrutura dão veracidade às suas narrativas. O olhar sobre os sentimentos e as relações humanas vai além dos relacionamentos e das taras sexuais, das brutalidades do cotidiano, das animalizações da alma. O que ele faz é mostrar como as inquietudes do mundo moderno refletem na interioridade das pessoas que, por algum motivo, se afastam do convívio com seus iguais. Poloni procura desvendar, assim, esses intrincados problemas que constituem o ser humano do nosso tempo.

A solidão nesse novo século, onde tudo é majorado e relativizado, também é aumentada de forma a desestabilizar o cotidiano do homem moderno. As pessoas estão cada vez mais sós, por vontade própria ou não. Na verdade, não se trata apenas da escolha, se só ou acompanhado, mas sim das conseqüências das relações estabelecidas. Relações essas que, hoje, são feitas pela internet, no conforto do lar, na segurança de casa, através de redes sociais. Assim o ser humano que é um ser de caráter sociável, pois tem o dom da comunicação, passa a existir como o ser da solidão, da resignação.

Na tentativa de superar esse impasse de falta de profundidade nas relações interpessoais surgem programas de computador que realizam trocas de mensagens instantâneas, tentando “amenizar” o problema. Agora, as pessoas estão, simultaneamente, perto e longe.

Essa solidão que predomina no século XXI é consequência do fato de o homem pensar em carreira, sucesso profissional, antes da organização familiar. Mais depressa se produz para mais depressa se consumir, como já disse Octávio Paz.

No caso dos internautas, pessoas que navegam na rede mundial de computadores, o isolamento ocorre de maneira diferente. Estes indivíduos se dispõem a se isolar da coletividade. O que há por trás dessa decisão são os fatores que foram tratados até aqui, ou indivíduo não quer ou não consegue se integrar à sociedade, na maioria das vezes ele acredita que sozinho pode preencher suas necessidades. O conforto de casa, a alimentação, os jogos, a internet, a televisão, a cama são as

necessidades “básicas” para que a pessoa viva, mas não são, hoje, garantia de que o indivíduo consiga sentir-se parte da sociedade moderna.

Um dos modos de explicitação dessa solidão e da angústia do cotidiano, é a internet, onde podemos ser diferentes do que somos. Onde somos o que queremos e fazemos o que queremos. A internet é uma “terra da liberdade” onde podemos voar, matar, roubar, fazer sexo etc., sem que haja problema com gravidade, leis ou instituições. Liberamos nossas frustrações e nossas ideias. A partir daí, temos uma válvula de escape para que nossos pensamentos e textos possam ser divulgados. Textos esses que, em geral, referem-se ao cotidiano devassado pelos desejos dos escritores, desejos que remetem aos instintos primitivos dos humanos, além, obviamente, de refletirem sobre problemas existenciais, sobre a complexa e difícil arte de decifrar da alma humana.

Como narrativa, o conto pressupõe a sua ligação intrínseca com o ato de narrar, já que se configura, tanto na forma oral como na forma escrita, como a realização concreta dessa ação. Por isso, mesmo, nele assumem fundamental relevância as relações que se estabelecem entre a instância narradora e o mundo narrado, pois aí se originam a própria natureza e o modo de apresentação dos contos (BITTENCOURT, 1999, p.171).

Essa é a definição sobre como deve funcionar a estrutura e o objetivo final do conto impresso. Entretanto, o conto publicado na internet parece ter, até o presente momento, os mesmos aspectos e a mesma solidez. Vale destacar que essa geração de contistas do novo século – e, aqui, respondemos a pergunta/hipótese deste TCC: existe, sim, uma nova geração de contistas – absorveu toda gama de contos anteriormente escritos, ou seja, nada foge ao que já havia sido escrito. Mas o que realmente obteve uma mudança significativa é, e é esse o ponto que diferencia essa geração do Século XXI dos demais escritores, a interação com a máquina.

Na ciberliteratura, o computador funciona como uma máquina criadora de novas informações, o que muda a comunicação do autor com o leitor: há, agora, a interatividade e a hipertextualização. O autor recebe um feedback do leitor instantaneamente, além de poder expandir seu texto com *links* e outros sítios hospedados na *web*.

Assim sendo, esse tipo de narrativa publicada na internet não substitui a publicação impressa, ao contrário, a publicação em blogs vem a fortalecer a literatura. Nesse ponto, o surgimento de uma nova geração de escritores, que se utilizam de

ferramentas do cotidiano para expressar seus sentimentos, tornam essa literatura mais visível aos olhos dos leitores, pois geralmente são textos rápidos e de fácil acesso, que se identifica com o dia-a-dia do leitor.

O leitor percebe um autor muito mais próximo e, nesse processo de quebra do distanciamento [entre ele e o autor], acaba dando-se conta de seu importante papel: não como um ser passivo que acompanha o narrar, mas como um sujeito inserido dentro do texto, dentro do jogo da leitura. (ANGELINI, 2004, p.142)

O diálogo com o leitor não ignora, de forma alguma, o cânone literário, apenas não se baseia em pressupostos histórico-literários. E, nesse sentido, os contos publicados por Nicolas Poloni são paradigmas da produção desta nova geração. A construção da solidão nos contos de Nicolas é engendrada a partir da tradição e da cultura, mas é, também, inovadora. Suas narrativas curtas buscam a melhor expressão e a expressão mais próxima do homem do nosso tempo e de seus problemas.

Referências

ABREU, Caio Fernando. Extremos da Paixão. *Pequenas epifanias: crônicas, 1986-1995*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

ANGELINI, Paulo Ricardo K. *Canalha Sedutor: O Narrador Não Digno de Confiança de Helder Macedo*. Porto Alegre 2004.

AVERBUCK, Clarah. Das Coisas Esquecidas Atrás da Estante - agora é sério. *Brasileira Preta*. 10 set. 2003. Disponível em: <http://brasileirapreta.blogspot.com/2003_09_01_archive.html> Acesso em: 12 abr. 2010.

BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

CAMPOS, Álvaro de. In PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

CARVALHO, Sérgio Lage T. de. “Lonely sweet home”: *Solidão e modernidade* - tese USP sociologia

CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo: Perspectiva, 2006. Retirado da entrevista de Reinaldo de Fernandes ao Rascunho: *Jornal de Literatura do Brasil*. Fev. 2009. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=5&lista=0&subsecao=0&ordem=374>> Acesso em: 22 abr. 2010.

FERNANDES, Rinaldo de. *O Conto Brasileiro do Século 21*. As narrativas curtas da nova literatura nacional divididas em cinco grandes vertentes. *Rascunho – O jornal de literatura do Brasil*. Maio 2010. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=25&lista=0&subsecao=0&ordem=3429>> Acesso em: 21 jun. 2010.

GOTLIB, Nádía Batella. *Teoria do Conto*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

GALERA, Daniel. In: *Literatura: Três autores brasileiros da "geração já do século XXI" falam sobre o que os distingue*. *Expresso*. 18 fev. 2010. Disponível em: <<http://aeiou.expresso.pt/literatura-tres-autores-brasileiros-da-geracao-ja-do-seculo-xxi-falam-sobre-o-que-os-distingue=f498511>> Acesso em: 16 jun. 2010.

FISCHER, Luis Augusto. João Gilberto Noll - Análise Crítica. In: SANTOS, Volnir; SANTOS, Walmor (orgs). *Antologia crítica do conto gaúcho*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998 Cap. XV, p. 183-188.

HOUAISS Dicionário da Língua Portuguesa 2.0a. *Solidão* (verbetes). [software].

INTERNET World Stats. *World Internet Users and Population Stats*. 30 set. 2009. Disponível em: <<http://www.Internetworldstats.com/stats.htm>> Acesso em: 26 abr. 2010.

MANZONI JR, Ralphe. Número de brasileiros que leem blogs cresce em 2008. *IDG Now*. 04 fev. 2009. Disponível em: <http://idgnow.uol.com.br/Internet/blog_dos_blogs/archive/2009/02/04/nmero-de-brasileiros-que-leem-blogs-cresce-em-2008/> Acesso em: 20 abr. 2010.

MORSKI, Sônia Aparecida B. *Solidão, um mal da modernidade?* Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/476-2.pdf?PHPSESSID=2009071>> Acesso em: 15 maio 2010.

MURRAY, Janet H. *Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural: Unesp, 2003.

OLIVEIRA NETO, Godofredo. *O Pós-Pós: novos caminhos da prosa brasileira no século XX*. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/2210904>> Acesso em: 29 abr. 2010.

OLIVEIRA, Maria Regina Momesso. “Técnicas de si” na contemporaneidade: a construção do sujeito na fluidez da *web 2.0*. UNIFRAN; CTI-UNESP; FJAU, 2008. Disponível em: <http://www.mestradoemlinguistica.unifran.br/2008/producaoCientifica/ABRALIN_2009_ARTIGO_MREGINAMOMESSOOLIVEIRA.pdf> Acesso em 23 abr. 2010.

PAZ, Octávio. *O Labirinto da solidão e post. Scriptum*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. Tradução de Elaine Zagury.

POLONI, Nicolás Alaor França. <www.deverascalha.blogspot.com>

SANFELICI, Agnes. Armadura de Ferro: fragmentos de solidão. *Nau Literária*: Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas. Dossiê: o conto. PPG-LET-UFRGS, Porto Alegre, v. 2, n. 01, 2006.

SANTIAGO, Silvano. Crítica literária e jornal na pós-modernidade. *R. Est. Lit.*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 11-17, out. 1993. Disponível em:
<www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_01/ale01_ss.pdf> Acesso em: 13 maio 2010.

SANTOS, Cinthya Costa. Literatura Digital: Intertexto, Intratexto e Hipertexto. In: LOBO, Luiza (coord). *2º Encontro de Ciência da Literatura*, da Faculdade de Letras da UFRJ, 21 a 23 de outubro de 2002. Disponível em:
<http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/index_encontro.htm> Acesso em 23 abr. 2010.

SANTOS, Volmir; SANTOS, Walmor. *Antologia Crítica do Conto Gaúcho*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1998.

TUTIKIAN, Jane; GONZAGA, Pedro. Oficina de criação literária. (in mimeo)

UM QUARTO do mundo terá acesso à Internet em 2012, diz consultoria. *Folha de São Paulo*. 20 jun. 2008. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u416422.shtml>> Acesso em 20 abr. 2010.

WIKIPÉDIA. *Solidão* (verbetes). Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Solid%C3%A3o>> Acesso em: 13 jun. 2010.

Anexos

domingo, 24 de fevereiro de 2008

Do tamanho de uma laranja

- Do tamanho de uma laranja.

Balbuciu segurando o elemento de sua prosa. O cigarro já estava pela metade no cinzeiro sobre a mesa, visivelmente não havia sido tragado ainda. Estava preocupado demais com o objeto em sua mão.

- Do tamanho de uma laranja.

Lembrou-se da infância, do dia que achou que o mundo ia acabar (maldito Nostradamus) e correu sob a chuva, chorando, procurando um lugar que não fosse mundo para se proteger. Quanto mais corria, mais se via em meio ao mundo. Pessoas passando, rostos desconhecidos, carros velozes, homens gritando, mulheres chorando, crianças pedindo esmola. Enfim, encontrou uma laranjeira, um dos poucos seres frutíferos com o qual se deparou. Ficou ali embaixo, escondido, esperando o mundo acabar. Adorreceu.

- Do tamanho de uma laranja.

Sonhou ouvir a porta se abrindo e dela surgir sua filha com cinco anos de idade, sorrindo, correndo em sua direção de braços abertos, gritando “papai”. Ela usava aquele vestido laranja que ela mesma escolheu, olhando as vitrines do primeiro shopping da cidade. Sempre foi independente, desde pequena. E como ele queria que não fosse. Esperava que ela precisasse dele por toda a vida... O seu sorriso. Não havia imagem mais bonita. A não ser, talvez equiparável, o dia em que viu a porta da igreja se abrindo e por ela entrando a mulher mais linda em um vestido de noiva, aquela que veio a ser a pessoa com quem dividiu sua vida por longos vinte e sete anos.

- Do tamanho de uma laranja.

Redonda como a laranja era a bola de futebol que tanto havia chutado contra a parede de sua casa. A mesma bola que ganhara quando tinha mais ou menos uns dez anos. Seu pai dissera que era oficial, a mesma que Garrincha usava, e ele acreditara. Após dez embaixadinhas (demoradas tentativas), ia ao campinho de terra batida e dividia a amada bola do Garrincha com os amigos e com os não tão amigos que o esperavam ansiosos. Se não o deixavam fazer gol, nada mais justo que recolher a bola embaixo do braço e terminar o jogo ali, sob os protestos dos atletas.

- Do tamanho de uma laranja.

Quantas laranjas podia comprar com o seu primeiro salário? Se bem que aquilo que ganhava não poderia chamar de salário, era seu pagamento diário. Conforme o cliente e a marca de seu sapato, aumentava o equivalente a cinquenta centavos o preço da graxa. Ao final do dia, o suficiente para um lanche e a passagem de volta para casa. Ao final da semana, sobrava um pouco para o picolé ou o refrigerante. Ao final do mês, ah, um salário. Sim, era pouco, mas era seu.

- Do tamanho de uma laranja.

Seus avós gostavam de laranja. Todos os dias faziam-no recolher umas dez ou doze para o suco do meio-dia. Ele as recolhia e as lavava, o avô dividia-as em duas partes milimetricamente cortadas, perfeitas, tirava-lhes o suco e a avó adoçava com açúcar cristal, aquele mais grossinho, ela dizia que não havia açúcar melhor. Tudo perfeito! Não necessitava nem pôr água, as laranjas davam bastante suco. Ah, e como era bom aquele suco. E como eram bons aqueles avós. Que Deus os tenha!

- Do tamanho de uma laranja.

Será que era uma laranja-do-céu ou uma laranja-de-umbigo? Isso o médico não havia dito. Também, não importava. Só lembrava daquelas cinco palavras: do tamanho de uma laranja. Quem diria? O tumor havia se desenvolvido a tal tamanho. Já eram freqüentes as dores de cabeça, principalmente do lado esquerdo, onde o tumor estava alojado, as náuseas, as tonturas...Estava surpreso de não ter desmaiado e despencado da cadeira ainda. Não, a laranja o segurava, só podia ser isso. A mesma laranja que o derrubava, agora o estava segurando ali, firme com seus pensamentos. Maldita laranja!

- Do tamanho de uma laranja.

Ele sabia que não havia mais o que fazer. Admirando a laranja em suas mãos, aquela frase retumbava-lhe o ouvido, fazendo sua cabeça latejar. A semiescuridão do quarto onde estava já não lhe incomodava. Era tarde demais e ele sabia disso. Via que seu tempo estava acabando, queimando como o cigarro chegando ao final em seu cinzeiro...E ele nem o havia tragado.

- Do tamanho de uma laranja.

domingo, 2 de março de 2008

A noite passada

Ao entrar no quarto, a vi deitada sobre a cama. Estava de barriga para cima, o rosto voltado para o lado direito, com a franja que lhe caía sobre os olhos. Um braço paralelo ao tronco, o outro erguido com a mão quase lhe tocando a boca. Era pequena, mas já muito bem formada. De onde estava podia ver os seios fartos volumando a blusa decotada que vestia. A calça jeans era justa, mostrava o contorno de suas coxas, não

muito grandes, não muito pequenas, do jeito que eu gostava. Fiquei admirando-a durante alguns minutos. Não sabia o motivo pelo qual ela estava ali, a primeira em muito tempo, o motivo não importava, ela estar ali já me bastava. Aproximei-me e sentei na beirada da cama, mirando-lhe com um caçador à presa. Pude ver com mais clareza as perfeições de seu rosto: a boca carnuda, vermelha, contrastando com sua pele branca; o nariz pequenininho, com sardas salpicando-lhe todo; os olhos, esses estavam fechados pra mim, fechados para o mundo, ah, e como queria ver seus olhos. Eles me instigavam. Podiam ser azuis, verdes, castanhos, amarelos, vermelhos...De que cor seriam? Eu dava um dedo para saber.

Comecei a acariciar seu braço. Com as costas das mãos, suavemente ia do seu cotovelo ao pulso, próximo à boca, ia e voltava, calmamente. Ela não se mexia, não sabia que eu estava ali. E eu estava, e ela estava, e isso me bastava. Passei do braço ao volume do seio sob a blusa, do decote ao início do tecido com as costas da mão e ao contornar seu seio, virava das costas para a palma da mão, sentindo todo seu relevo. Meu coração começou a bombear o sangue mais rápido, levando-o a todos os vasos, todas as veias, todos os músculos...Senti que estava pronto. Debrucei-me sobre ela, quase encostando meus lábios nos seus, senti seus seios esmagando-se no meu peito. Beije-a. Com as duas mãos ergui seus braços e tirei-lhe a blusa, pela primeira vez vi seus peitos nus. Lindos! Beije-os enquanto os agarrava e apertava. Cabiam na minha mão. Olhei mais uma vez para seu rosto imóvel, nem sua respiração podia ouvir ou sentir, e passei a desabotoar sua calça. Tirei-a com gana e pressa e deitei com as mãos e os braços tomando suas coxas, ofegante, o rosto encostado em sua genitália, ainda coberta por aquele pedaço de pano. Praticamente arranquei sua calcinha e levantei-me. Observei-a nua sobre a cama, imóvel, ainda não havia me dado o prazer de ver seus olhos. Dava um dedo para vê-los.

Passei a despir-me, ainda estava com o músculo bem irrigado, pronto para trabalhar. Deitei sobre seu corpo, abri-lhe as pernas e comecei a introduzir meu músculo em sua genitália. Estava seca, apertada, mas consegui chegar ao fundo, completamente dentro do seu corpo e urrei de prazer. Fiquei movimentando-me em idas e vindas, entre os seus rins, entrando e saindo. Os movimentos foram ficando mais rápidos, seus seios balançavam seguindo a inércia, isso me excitava, me deixava louco. Aumentei o ritmo, os seios acompanharam, aumentei mais, os seios acompanharam. Já utilizava todas as minhas forças, suave como um animal, escorregava sobre seu corpo, entre idas e vindas violentas, entrava e saía de dentro dela, não conseguia ver seus olhos. Ah, dava um dedo para vê-los. Era um sorriso que via formar-se em seus lábios? Ela sorria, gargalhava, mas não abria os olhos. Os olhos! Os olhos!, eu balbuciava com os dentes apertados com força extrema. Tinha vontade de socá-la. Eu não queria nenhum sorriso, eu queria os olhos, somente os olhos, ela devia me ver, devia abrir os olhos, dava um dedo...Explodí. Gozei como nunca havia gozado antes. Gozei dentro daquele corpo recém descoberto, recém conhecido. Depositei todo o meu amor guardado em uma vida inteira naquele corpo inerte, sem sentimento.

Saí de cima dela e vi o sangue que manchava os lençóis. Tirei-lhe a virgindade. Fui o seu primeiro homem, e ela nem me tinha visto. Vadia! A culpa era dela que não tinha aberto os olhos para mim. Vadia! Puta! Mil vezes puta! Mas era tão linda. Seus seios seguindo o meu ritmo, a boca vermelha, as coxas perfeitas, seus olhos...A mulher mais linda que já comi.

Acordei no dia seguinte ainda nu, olhei para o lado e não a vi. No lençol uma mistura de líquidos agora secos, manchando o pano branco. Suas roupas não estavam mais lá. Nem uma imagem sua havia no quarto, nem um fio de cabelo, nem seu cheiro, ou a forma de seu corpo marcada no lençol. Nada. Estava completamente sozinho, como o de costume. Encostei minha cabeça no travesseiro e fiquei lembrando da noite que havia passado. Como era linda! Seus seios, a boca vermelha, as coxas, os olhos perfeitos...Ah, aquela vadia. A mulher mais linda que já comi e ela não abriu os olhos para mim. Dava um dedo para vê-los.

terça-feira, 8 de abril de 2008

Embasbacado

A imagem dela me vinha à cabeça a todo o momento. Deitado na cama, olhava para o teto com o sorriso mais idiota do mundo. Se houvesse um espelho aqui agora eu veria meus olhos brilhando. Eu lembrava dela no meio da pista dançando, aquela vertigem das luzes piscando freneticamente, ela parecia dançar em câmera lenta, quando, na verdade, se mexia muito rápido, tão rápido que eu temia que a qualquer momento um pedaço dela se desprendesse do corpo. Isso seria o maior pecado de todos, uma vez que todas as partes de seu corpo estavam simetricamente presas umas as outras. Pela primeira vez não imaginei a garota nua quando a vi. Prestei mais atenção no seu rosto, no formato de sua boca...Fui ao céu e voltei quando, por uma fração de segundos, os olhos dela cruzaram com os meus. Um frio repentino invadiu minha barriga, meus pêlos se arrepiaram e meu coração disparou: estava apaixonado.

Ela dançava maravilhosamente. Eu a mirava como se fosse a representação de todas as belezas do mundo. Fiquei olhando para ela a festa inteira, não tinha coragem de me aproximar. Eu não sou o que se pode chamar de homem bonito, muito pelo contrário, sou feio. Sim, sou feio, muito feio. Pareço construído com pedaços de corpos alheios uns aos outros, como o monstro de Frankstein. Até ele deve ser mais bonito, costumo pensar, procurando autopiedade, sem sucesso. O espelho sempre foi uma tortura para mim. Se pudesse, escovaria meus dentes, me barbearia, me pentearia sem precisar me ver no espelho, mas é impossível. Se ao menos tivesse o dom da fala, mas nem isso me foi disponibilizado. Por essas e outras, nunca me apaixonei. Não é aconselhável aos feios sem talento retórico que se apaixonem, a recíproca dificilmente será verdadeira. Meus pais devem ter assinado o pacote econômico, o mais precário de todos. Ela estava saindo e eu a segui. Pagamos a conta quase simultaneamente. Ela

estava com outras amigas. Entraram todas em um Gol bordô e partiram. Eu já estava na cola delas com meu Mercedes prata. Sim, ao menos isso, dinheiro é tudo o que eu tenho, ou ao menos, tudo o que vale em mim. Quando a amiga a deixou em casa, me espantei ao perceber que ela morava apenas a algumas quadras da minha. Memorizei o endereço e fui embora. Sorri, era o fim das noites nas zonas, nas casas de perdição, dos prazeres efêmeros que duravam até o primeiro orgasmo e se diluíam enquanto eu pagava a conta.

O teto parecia querer me engolir. Sim, não suportava me ver sorrindo. Tantos anos sendo cúmplice de meus lamentos, agora que finalmente me via sorrindo, queria me engolir, queria acabar com a alegria ilusória que pateticamente me contaminava. E ela dançava, no meio da pista, como nenhuma outra mulher. Pode me engolir, eu gritei. Pode me engolir! Minha memória não será apagada, teto idiota. Gargalhei na cara dele, teto imundo. E ela dançava. Ah, eu aprenderia a dançar por ela. Aprenderia o Cha-cha-cha por ela. Embasbacado por amor, era como me sentia. Adormeci.

No dia seguinte, ao fazer o caminho para a universidade, mudei o trajeto para passar na frente da casa dela. Espantei-me quando a vi parada no ponto de ônibus. Eu poderia ter parado e lhe oferecido carona, mas ela com certeza não entenderia. Acharia que era um assaltante, um seqüestrador, um estuprador ou pior, veria que sou feio, muito feio. Passei reto, daquela vez. Fiquei imaginando uma maneira de me aproximar sem causar-lhe espanto, o que era difícil. Comecei a passar todos os dias pelo mesmo caminho, e todos os dias a cena se repetia, ela parada no ponto de ônibus e eu passando em minha Mercedes rezando para que ela corresse até mim, pedisse para eu parar e se oferecesse para uma carona. Nada disso aconteceu. Duas semanas se passaram, o teto já estava bem perto de me engolir e eu já não demonstrava nenhuma resistência. Estava perdendo a guerra, ele ria da minha cara. Frouxo! Ouvia-o dizer. Teto imundo.

Era sábado, sabia que ela estaria na mesma boate, novamente. Decidi ir para lá. Pus minha melhor roupa, a mais jovial, a mais da moda que conhecia, e que ainda estava longe do padrão. Passei meu perfume mais caro e me direcionei à casa dela. Parei do outro lado da rua e fiquei esperando. Às onze horas em ponto o Gol bordô apareceu, buzinou, e ela desceu com seu vestido prata lindo, que moldava completamente seu corpo. Combina com meu carro, pensei. O Gol pôs-se em movimento e eu o segui. Foram para a boate que eu esperava, entraram. Quando consegui entrar estava completamente lotada, cada pedacinho de chão era ocupado por alguém. Na pista alternativa havia algumas pessoas bebendo em suas mesas ou no bar, mas certamente ela não estava lá, deveria estar dançando da maneira que ela fazia maravilhosamente. Fui para outra pista. O pescoço espichado aumentava meu poder de visão. Fiquei uns dez-eternos-minutos procurando-a pela pista até que, enfim, a vi com suas amigas. Sem perdê-la de vista, fui até o bar e pedi uma dose de uísque. Com guaraná? Perguntou-me o atendente. Só com gelo, respondi. Veio a primeira dose. Bebi rápido demais. Mais uma, gritei. Outra dose. Mais rápido ainda. Mais uma! Copo seco. Outra! Mais uma! As luzes começavam a embaçar. Ela dançava. Eu não tinha coragem de ir falar com ela. Mais uma, gritei enquanto batia o copo seco no balcão. Ela ainda dançava e eu bebia.

Faltava-me coragem. Mais uma, atrapalhei-me quando gritei. O atendente me trouxe mais uma dose mesmo sem entender direito o que eu havia dito. Olhei fixamente para aquele copo e virei todo o líquido de uma só vez. O uísque desceu cortando minha garganta. Olhei fixamente para a mulher dos meus sonhos e me pus em movimento em sua direção.

As pessoas atravessavam meu caminho, eu ia empurrando-as sem querer saber de mais nada. Perdia o equilíbrio a cada esbarrão de ombros, a cada pisão de pés. Segurei-me em um cara que passou do meu lado, ele gritou qualquer coisa e me empurrou de volta. Ela estava cada vez mais próxima. Novamente, os olhos delas se encontraram com os meus, mas dessa vez eles pareciam preocupados. A sobancelha franzida dizia-me que não haveria qualquer gesto sutil da parte dela. Segui em frente, cambaleando, até que cheguei ao seu lado e disse cuspidando gotículas de saliva: eu te amo! Ela se esquivou já pondo as mãos em meu peito e me empurrando. Sai daqui, li em seus lábios enquanto perdia o equilíbrio e caía para trás. Sentado no chão, tentei levantar. Fui ajudado por dois seguranças que me ergueram vigorosamente pelos braços e começaram a me carregar em direção à saída. Eu te amo, eu gritava para ela que virava de costas. Os seguranças me jogaram porta a fora, um deles pegou minha carteira e tirou 130 reais de dentro: sorte tua que tinha dinheiro nessa merda, o maior deles gritou. Eu estava jogado na calçada do lado da boate. Virei para o lado e vomitei. O uísque voltou queimando minha garganta novamente. Muitas pessoas passavam por mim, algumas rindo, outras com cara nojo, algumas poucas com piedade nos olhos. Eu amo ela, eu gritava, eu amo ela!

Sentado, escorado na parede, me vi como os todos os babacas que se apaixonam. Isso nunca havia acontecido antes. Podei, dessa vez, todas as minhas defesas contra as banalidades da paixão. Agora eu me via clichê como o amor. Clichê como o sofrer por amor. Eu me via banal como qualquer projeto de homem que vomita depois de um porre. As putas sentiam minha falta, riam de mim. Trouxa! Babaca! Ouvia-as gritando. O vômito escorria pela calçada e ia de encontro à rua, mas ele não levava junto o amor que sentia por ela. Vomitar não era o bastante para expurgar o sentimento, expurgava apenas o uísque. Eu só queria chegar em casa e ser engolido pelo meu teto imundo e depois ser cuspidado de volta, sem memória alguma. Alguma coisa me dizia que o uísque iria fazer isso por mim. Se eu pudesse, beberia mais.

quinta-feira, 22 de maio de 2008

Mudança

O interfone toca. Ela atende.

- Sou eu

Ela hesita, mas aperta o interruptor e ouve o barulho do portão se abrindo. Não o espera chegar, deixa a porta entreaberta e volta a pôr os pratos dentro da caixa

para simular uma distração qualquer. Ele chega, empurra a porta, ela se vira.

- Oi.

- Oi – ela responde enquanto põe as mãos na cintura e solta o ar dos pulmões.

- Eu te trouxe essas flores – dá um passo à frente e estica o braço oferecendo um buquê de rosas.

- Obrigada – sorriso forçado no rosto – Vou pôr na água – se desloca à cozinha, enche um vaso e põe as flores dentro, acomodando-as sobre a mesa da sala.

- E como tu tá?

- Tô bem, tô bem. A mudança tá sendo mais tranqüila do que eu esperava.

- Que bom. Eu passei pra te convidar pra tomar um café. Sabe que tem aquele café da esquina que é ótimo e...

- Desculpa, mas o caminhão da mudança chega logo, não daria tempo.

- Ah tá. É, eu imaginei que não daria, mas passei mesmo assim.

Ambos sorriem e se calam. Os olhos passeiam pelo apartamento sem parar em nenhum ponto, sem querer se encontrar. Passam-lhes mil frases pela cabeça sem que nenhuma seja segura o bastante para ser aproveitada e inserida no diálogo que não existe mais. Ela morde o lábio enquanto ele força os olhos, baixando as sobrancelhas. Ele puxa o ar e abre a boca como se fosse dizer algo, hesita, fecha a boca, retoma o movimento e sentencia:

- Eu senti tua falta.

Ela suspira e baixa os olhos. Ele insiste:

- Eu sinto tua falta. Não quero que tu vá.

- Nós já discutimos isso.

- Eu sei. Mas é que...

- Eu não quero mais discutir. Acabou.

A última palavra deixou-o sem expressão alguma. Ele olha para os lados procurando um lugar fixo para enterrar seus pensamentos e suas esperanças. Ela tenta consertar:

- Eu não queria que fosse assim, mas...

- Tu precisa de ajuda para arrumar as caixas? – ele a interrompe.

- Como?

- As caixas...Precisa de ajuda?

- Não, obrigada, já estou no final.
- Tá bom. Eu vou indo, então.
- Mas... – pausa - Claro, pode ir.
- Oquei. Adeus, então.
- Adeus.

Ele dá meia-volta e sai pela porta sem olhar para trás. Ela espera os passos dele deixarem de ser ouvidos, vai até a porta e fecha-a.

Volta a tentar se distrair com as caixas até que ouve o interfone novamente. Com certa surpresa e esperança, atende.

- Sim!?
- Mudança – uma voz grave e seca grita do outro lado.

Silêncio.

- Só um minuto.

Três homens fortes sobem até o apartamento.

- Com licença, moça.
- É por aqui – ela estende o braço mostrando a direção

Começam pelos eletrodomésticos. Pouco a pouco vão descendo o fogão, a geladeira, o microondas, o computador, a televisão, alguns que ela nem se lembrava mais, como a batedeira que poucas vezes utilizou, no máximo duas ou três vezes nas frustradas tentativas de fazer o bolo de laranja que ele tanto gostava. Heresia dela, o bolo nunca ficaria tão bom quanto o que a mãe dele fazia, mas ela gostava de tentar, e ele gostava de fazer piadas com o resultado das tentativas. Passam para os móveis. Descem a mesa, as quatro cadeiras, duas sempre reservadas para os livros e às roupas e duas sempre separadas para serem usadas em sua utilidade intrínseca: servir como assento. O armário vai sendo desmontado, a cômoda vai inteira, a cama e o colchão voltam a se separar e todos vão sendo levados para dentro do caminhão, sua nova e provisória morada durante algumas horas até chegarem ao seu lugar fixo. Ela fecha as últimas caixas, sempre atenta à passagem dos móveis pela porta demonstrando cuidado aos seus pertences. Mesmo que eles possam ser substituídos por novos e mais modernos na loja mais perto, deve demonstrar zelo, afinal, são seus. Uma não atenção deixaria aqueles brutamontes livres para fazer manobras que certamente levariam a uma pintura descascada, um risco numa madeira, uma tábua do estrado quebrada...Mas se apegava mesmo ao valor sentimental, afinal, cada um dos seus pertences tinha uma história e era personagem de várias outras. Faziam parte de sua vida, mesmo que desprovidos de

razão e sentimentos. Depois de todos os móveis pesados, descem as malas de roupas, as caixas com a louça, os cedês, os livros. Tudo já está dentro do caminhão, motor ligado, todos prontos para partir, o motorista buzina. Os movimentos findam-se no interior do apartamento. Ela pára na porta e encara-o pela última vez. Mantém expressão alguma no rosto, apaga a luz e fecha a porta.

As flores descansam no vaso, no chão, no meio da sala vazia.

sexta-feira, 17 de outubro de 2008

Eu te amo

Amanhã vou bater na tua porta e vou levar flores e bombons em uma caixa enfeitada com um laço vermelho e vou dizer que te amo não porque você quer ouvir que eu te amo acho até que você não quer saber que te amo porque isso te machuca e isso me machuca também mas porque eu tenho vontade de dizer e sei que a porta vai estar fechada e talvez você não abra porque talvez você não esteja lá ou talvez porque você não queira me ver e eu entendo porque seria difícil nos vermos de novo e talvez eu torça pra que você não abra porque eu também não quero te ver só quero saber se você está bem se ainda tá trabalhando no mesmo lugar se ainda tá trabalhando ou se saiu do emprego como você queria porque você não agüentava mais trabalhar naquele lugar e talvez você não abra porque não mora mais lá porque se mudou faz um ano já e já faz mais de um ano que a gente não se vê e um ano é muito tempo dá tempo de sair do trabalho e se mudar eu sei bem disso aí se você não estiver em casa eu vou deixar as flores e os bombons com a caixa enfeitada na frente da tua porta pra que você pegue quando chegar em casa e se você se mudou outra pessoa vai pegar os presentes e talvez essa pessoa fique feliz por pensar que foi alguém que ela conhece e que ela queria que fosse até a casa dela pra dizer que a ama e então ela vai se enganar mas vai ser um engano bom e nós dois sabemos que enganos bons nos fazem bem por um tempo não vou deixar bilhete porque se você achar os presentes você vai saber que sou eu porque eu sempre te dava flores e bombons e você gostava e dizia que me amava e eu te dizia que te amava também e é isso que vou fazer amanhã se você estiver em casa vou dizer que te amo não porque você quer ouvir que eu te amo acho até que você não quer saber que te amo porque isso te machuca e isso me machuca também mas vou dizer porque tenho vontade de dizer: eu te amo.

quinta-feira, 2 de outubro de 2008

Sem título

O primeiro tiro foi por diversão. Acertei bem no meio da testa do cara sentado à direita da porta. Sorri, ergui a mão esquerda e, com a outra pistola, atirei com raiva no gordo que havia parado de comer as batatas-fritas depois do estrondo do primeiro tiro. Um a menos. O terceiro foi por nojo. Nojo daquele filho-da-puta que arregalou os olhos de pavor. Morreu como um rato, temeroso. O quarto foi em legítima defesa. Eu já estava quase na mira do trinta-e-oito do dono do bar. Mesmo no susto, outro tiro bem no meio da testa. Que mira! O quinto matei pelas costas. É contra os meus princípios, mas ele estava fugindo e ninguém podia fugir. Bam! Atirei e ele caiu sobre uma das mesas perto da porta. Também é contra os meus princípios, mas o sexto tiro foi na mulher que estava lá, na hora errada, no lugar errado. O homem que a acompanhava também teve uma bala enfiada no corpo. Até que a morte os separe. A garçonete já havia entendido: não havia mais princípios. Quando mirei, fechou os olhos e esperou o impacto. Perdeu dois segundos da última luz do dia que veria. As pessoas escasseavam. Comecei minha ida até o banheiro em busca de algum sobrevivente. No caminho, matei um escondido sob a mesa. Atirei contra a porta do banheiro e ouvi o barulho de alguém caindo do outro lado. Dei meia volta e me dirigi à cozinha. Na ala principal já estavam todos mortos. Na cozinha, o bife queimava na chapa, junto com o ovo e uns pedaços de bacon.

A porta de trás estava aberta. Cozinheiro ou cozinheira, fosse o que fosse, conseguira fugir. Voltei à ala principal, sentei atrás do balcão, ao lado do corpo do dono do bar, e me servi de uísque. Descansei as armas sobre o vidro do balcão e bebi um gole. Lá fora o dia parecia tranquilo. O sol estava a pino. Alguns carros passavam velozes e algumas pessoas começavam a passar pela frente do bar, desavisadas. Dei outro gole. Agora era só esperar.

quinta-feira, 16 de abril de 2009

Tarde na capela

Pediu licença e alguns minutos sozinha. Todos aquiesceram e saíram da sala. Ela se levantou vagarosa, puxou a cadeira mais para perto do caixão e se acomodou. Repousou a mão direita sobre as mãos entrelaçadas do falecido, enquanto acariciava-lhe os cabelos ralos com a mão esquerda.

Quem olhasse de fora veria confundirem-se as peles enrugadas do casal, quem sabe pela última vez.

Olhava o companheiro de tantos anos enclausurado pelas paredes de madeira, preso para sempre em um único estado. Por sua vez, apertava os olhos, sofridos, angustiados. Formou um leve sorriso nos lábios, sereno, buscando conformação. Buscava também palavras para aquele momento. Não que a fossem ouvir, ninguém mais a ouviria a não ser ela mesma, mas aquilo a confortaria: a última conversa, ainda que não houvesse reciprocidade para suas palavras.

Quem olhasse de fora veria a mulher de lábios finos e enrugados movendo-os, criando palavras para seus próprios ouvidos e de ninguém mais.

Levantou novamente, dirigiu-se à mesa posta ao fundo da sala e serviu-se um copo d'água. Virou-se de frente ao altar e ficou observando o homenzinho pregado a uma cruz que parecia olhar tristemente em direção ao caixão. Ela entendia a sua dor. Deixou um resto de água no copo e voltou à sua cadeira. Não sentou, porém. Ficou de pé ao lado do caixão, ora olhando seu amado, ora olhando o homenzinho da cruz. “Você também acha que ele está com sede?”, e despejou vagarosamente o resto de água sobre a boca do falecido, tomando o cuidado de usar um lenço para não molhar-lhe o terno.

Quem olhasse de fora veria uma mulher sorridente dando água a um homem em um caixão sob a complacência de um homenzinho esculpido em madeira. Já havia passado quinze minutos, a qualquer momento as pessoas podiam irromper a sala, acompanhadas do padre, para realizarem todos os rituais finais e levarem embora, de vez, seu tão amado marido. Esse pensamento a fez estremecer por dentro. Ainda de pé, acariciou-lhe mais uma vez os cabelos e beijou-lhe a face. Abaixou-se e descalçou os sapatos. Aquele sorriso de lábios voltou a seu rosto, tomando o lugar dos olhos marejados. Subiu à cadeira e deitou cuidadosamente sobre o marido, dentro do caixão.

Quem olhasse de fora poderia dizer que os corpos flutuavam abraçados, se evaporando lentamente, unidos como a vida e o costume o fizeram.

domingo, 1 de fevereiro de 2009

Um dia frio...

Acordou pela enésima vez e constatou, ainda eram oito e alguma coisa da manhã. A noite tinha sido uma *via crucis*, não conseguira dormir nada bem. Entre pesadelos e mosquitos, perdera a conta de quantas vezes havia olhado para o relógio. Sabia que não conseguiria mais fechar os olhos e cochilar, nem que fosse por dez minutos mais. Irritado, decidiu levantar-se.

Sentou à beira da cama, cruzou os braços e esfregou as mãos por eles: não percebera que estava tão frio. Aliás, era o auge do verão, fora dormir sem camisa por tal fato e só um lençol e um edredom fino cobriam seu corpo, agora levantava e sentia frio. Algo estava errado, muito errado.

Foi até a janela do quarto e a abriu o mais rápido que pôde. Deparou-se com um cinza de penetrar a alma. Nuvens cobriam completamente o céu, pelo menos é o que presumia com o que via através da espessa neblina que deixava qualquer coisa a mais de dez metros praticamente invisível. Fechou a janela, vestiu um moletom e foi tomar café. Estava de férias, não tinha compromisso nenhum. Se tivesse, ao menos poderia fazer algo, mesmo com aquele tempo horrível que fazia lá fora. Trabalhava em um escritório, estaria protegido daquele dia que não nascera atrás de paredes de concreto e janelas de vidro. Lógico, também havia proteção em sua casa, mas ali não encontrava nada de útil a fazer. Degustava o café quente em pequenos goles.

Abriu a porta para recolher o jornal. Nenhum vizinho à vista. Aliás, até as casas dos vizinhos estavam escondidas. Deu um assovio e logo foi atendido pelo seu cachorro que ergueu a cabeça e ficou olhando para ele. Sorriu para o cão, pegou o jornal, e entrou. O cachorro acompanhou o dono com os olhos até a sua entrada e o fechar da porta. Ficou mais alguns segundos olhando para a porta fechada. Enterrou a cabeça novamente entre as patas e voltou a dormir. A neblina não o incomodava.

Sentou-se na sala e começou a ler o jornal. O café ainda estava quente, apesar do tempo frio. As mesmas notícias de sempre. E que ironia, já haviam previsto o tempo ruim daquela manhã no dia anterior. Devia ter mais atenção ao ler o jornal. Pensou que devia até ler o horóscopo, vai que estivesse certo também. A princípio, não acreditava nessas coisas de astrologia e meteorologia, para ele, ambas eram inexatas, mas agora uma delas havia acertado, deveriam ter algum crédito. Terminou o café.

Da ida da sala até a pia da cozinha, aproveitou para ligar a televisão. Passou um pouco de água pela xícara e a deixou sobre a imitação de mármore. Sentou-se no sofá e ficou assistindo às notícias que lhe eram entregues por um cara velho, a imagem da experiência e uma mulher mais nova, bonita, mostrando (ou tentando mostrar que) beleza e inteligência podiam sim caminhar juntas. Que ridículo, pensou. Quando percebeu, já olhava através da televisão e as notícias passavam-lhe diretamente pelos ouvidos, indo se perder em um lugar qualquer que nem queria saber onde existia. Foi escovar os dentes

Voltou com o hálito purificado. Nem parecia ter tomado aquele café há pouco. Desligou a televisão e voltou para o quarto. A casa inteira estava fechada como se fosse uma fortaleza que impedia a neblina de entrar e tomar conta de tudo, o que o faria se perder naquele mar de vapor d'água. Decidiu ler, pegou um grande volume da estante e abriu-o já perto da metade. Dessa vez chegaria ao final, já que tinha o dia inteiro pela frente, e mais nada para fazer. Nada mais pra fazer...

Isso não era bom. Queria ler porque tinha vontade de ler, não porque não tinha nada mais para fazer. Irritou-se. Jogou o livro longe e pôs as mãos na cabeça. Sabia que não conseguiria mais dormir, por mais cansado que estivesse. Não tinha nada para fazer naquele dia de neblina. Maldita neblina. Foi abrir a janela do quarto novamente. A imagem vista antes era a mesma. Aliás, poder-se-ia dizer que a imagem não vista antes era a mesma. Afinal, tudo a mais de dez metros continuava imperceptível. As

copas das árvores nunca tinham ficado tão distantes. Ouvia o canto melancólico dos pássaros, talvez perdidos naquela imensa nuvem que descera do céu para cegar quem habitasse a superfície terrestre, como um castigo divino. Eram cantos curtos, sem força, como se já esgotados de tentar, em vão, achar algum caminho que os levassem à salvação. Deixou a janela aberta.

Recolheu o livro do chão e se dirigiu à cama, novamente. Abriu algumas páginas à frente. Achou que não teria problema em perder alguns diálogos. A neblina já começava a entrar pela janela, aos poucos, como se receasse entrar diretamente no quarto. Mas ele havia deixado a janela aberta, era um convite que fazia para, agora, sua única companhia. Entre! Fique à vontade! Podia ler-se em seus olhos. E a neblina vinha, enquanto ele folheava as páginas do livro sem olhar diretamente para elas. Cada vez ia ficando mais cego. O rádio já havia desaparecido, assim como a pilha de livros no canto da parede. O armário ia desaparecendo aos poucos, uma porta por vez. Quando percebeu o pé da cama já havia sucumbido e seus próprios pés eram tocados pela nuvem cinza. Era questão de tempo, e pouco tempo. Sorriu e voltou ao livro. Logo, logo, tudo seria neblina.

sábado, 27 de março de 2010

Partirei ao amanhecer

Morreu em uma quinta-feira. Um dia depois, era velado na sala de sua casa.

A família entendeu que, mais do que qualquer ritual religioso em qualquer igreja pensada e construída pelo homem, a sala de sua própria casa era o local que ele se sentiria mais confortável, fosse com os móveis, conhecidos de longa data, fosse com a atmosfera do lar.

Não se podia dizer que a sala era a maior e mais confortável aos tristes familiares e amigos que se apertavam entre cadeiras e paredes. Porém, parecia de bom tamanho. Ao fundo, o caixão de madeira deitava na horizontal, junto à parede, local onde podia ser observado de qualquer outro ponto do recinto. Os familiares mais próximos sentaram-se à frente. Entre as duas fileiras de cadeiras, um corredor se formava, cortando o centro da sala, por onde os amigos e familiares mais distantes apenas passavam, encaravam o corpo e davam suas condolências aos pais. Às vezes, usavam palavras certas, próprias para a ocasião, mas que nada diziam àqueles que choravam a partida. Alguns preferiam simplesmente olhá-los e baixar a cabeça em sinal de tristeza.

É verdade, porém, que, ainda que todos pudessem ver o caixão e o homem ali enclausurado, no momento que quisessem, não perceberam quando, como se fosse um

milagre, ele apareceu às costas de todos, adentrando também à sala. Com uma grande gargalhada e com os braços abertos, berrou a toda força:

“Não entendo suas caras. Que tristeza é essa? Aqui estou, vivo como qualquer um de vocês. Vamos comemorar”.

O susto inicial logo deu lugar a abraços, sorrisos e choros, agora, de alegria. Por mais difícil que fosse acreditar, sua morte parecia ter sido apenas um pesadelo, uma ilusão coletiva, vivida por todos que ali estavam. Parentes e amigos saíam de casa e voltavam carregados de bebidas e cigarros e charutos. Todos riam, bebiam, fumavam, abraçavam-se, cantavam canções velhas, gritavam para serem ouvidos a todo custo, batiam-no aos ombros e confessavam-lhe que ali ficariam até o amanhecer sem que ninguém dormisse. Prometiam-lhe também que aquela era a primeira de muitas festas. Celebrariam a vida, não só a dele, que havia recebido uma segunda chance, mas a de todos ali presentes. Não mais se preocupariam com coisas estúpidas e banais que nada de bom lhes trazia. Comemorariam até que o corpo não pudesse mais sustentar-se e que os olhos não mais conseguissem manter-se abertos.

A estafa, no entanto, chegou antes do que todos esperavam. Um a um foram se acomodando pelos cantos e cômodos da casa, entregando-se ao mundo dos sonhos. Ele, tal qual um observador no centro de um panóptico, percebia o sorriso formado no rosto de cada um ali presente. Caminhou a passos curtos, desviando daqueles que haviam feito do chão suas camas, até encontrar seus pais. Estavam ambos sentados em um sofá, abraçados, presos a um profundo sonho. Ele acariciou os cabelos de ambos e sorriu.

Partiu enquanto todos dormiam.

quarta-feira, 5 de maio de 2010

O sono dos justos

Acordou e demorou alguns segundos para acostumar os olhos com o pouco de luz que atravessava a janela do quarto. No mesmo instante, percebeu que uma cabeça de cabelos longos repousava entre seu peito e seu braço esquerdo. Fixou os olhos e reconheceu-a. Suspirou. Afastou a cabeça do travesseiro e olhou em volta, procurando o relógio. Com dificuldade, alcançou o objeto sobre o criado-mudo e constatou o avançado da madrugada. Tornou a acomodar a cabeça no travesseiro e olhou com o canto dos olhos para a cabeça enfiada entre os cabelos negros e espessos de seu peito. Quase não compreendia como aquilo poderia ocorrer. Lembrou que, algumas horas

atrás, aquela mesma cabeça fazia-o suspirar por estar, justamente, longe de seu peito, cuidando de sua genitália. A movimentos ritmados, com pequenas pausas para recuperar o fôlego e engolir o excesso de saliva, fazia-o suspirar e, por vezes, gemer em regozijo. Como podia aquela mesma cabeça, antes envolvida com sua genitália, acomodar-se agora em seu peito, tão perto do coração. Eram dois sentimentos que não se valiam, pensava. Chegou a causar-lhe repulsa. Seria digna essa cabeça de acomodar-se em lugar tão sagrado? Acostumou-se durante muito tempo a viver somente a primeira parte da experiência, que terminava com o gozo e o dinheiro sobre a mesa. Aquilo que ocorria agora era novidade, algo com o que precisava acostumar-se. Seria possível? Tinha certeza que Deus desaprovava. Mas que bela hora para não acreditar no Divino. Teria uma bela desculpa para escorraçá-la dali, jogando-lhe dinheiro na cara. Pagaria mais que pagava às outras para remediar a situação patética e para sentir-se menos culpado. Deveria julgá-la como faria um representante da fé? Não. Não seria convincente o suficiente. Deveria acostumar-se. Sim. Deveria acostumar-se e tratar aquilo como se fosse o ato mais natural do mundo. Talvez até o fosse, mas ainda o incomodava. Teve vontade de cuspir. Chegou a trazer a saliva à boca, mas engoliu novamente por não haver onde dissipá-la. Sentiu o coração bater mais forte como se quisesse, com o impulso, arremessar aquela cabeça para longe dali, para longe de si. Não era correto. Não havia como mudar isso ou pensar em outra coisa. A cabeça sorria. Zombava dele e de seus pensamentos funestos, delirantes. Maldita cabeça. Como pôde? Uma cabeça desprovida de coração. Uma cabeça que lhe engoliu a porra e agora dorme o sono dos justos, acomodada em seu peito. O que fazer? O que fazer? Perdoá-la? Parece-lhe o mais correto. É homem o bastante para tal. Sim, é o que fará. Está decidido. Ao acordarem ambos pela manhã, dirá a ela: eu te perdoo. Ela entenderá, tem certeza, e aceitará o perdão. Mais, ela pedirá perdão a ele. Eu não deveria, dirá, desculpe-me. E então ele a perdoará, porque é homem e porque sabe o que é certo e o que é errado. E é certo perdoar um erro. Sim, é o que vai acontecer pela manhã. A luz do dia ajudará a esclarecer tudo, não há dúvida. Ajeita-se para dormir novamente. Fecha os olhos e tenta abstrair a cabeça mergulhada em seu peito. Balbucia quase ininteligível: Eu te perdoo, meu amor. Vai ficar tudo bem.

sábado, 13 de junho de 2009

Seu Romero

Acordou já se sentando na beira da cama. Acostumou os olhos com a luz e, ainda sentado, calçou os chinelos de pano. O relógio marcava 6:30 da manhã. Era sua rotina: dormia cedo, lá pelas nove da noite, e acordava cedo. Levantou-se e foi ao banheiro urinar. Lavou as mãos, olhou-se no espelho, o cabelo e o bigode grisalhos despenteados, lavou o rosto. Droga, disse ao molhar a camiseta do pijama azul claro que ganhara de sua filha no Natal passado. Era verão, o pijama era de mangas longas, calça, mas era sua filha que o tinha dado. Fazia questão de usá-lo, mesmo que passasse calor.

E ele passava. Secou o rosto e caminhou em direção à cozinha. Olhou a mesa vazia, apenas o guardanapo de tecido com o cesto de frutas de plástico no centro da mesa. Parou e ficou alguns segundos lembrando de quando acordava e encontrava o café pronto sobre a mesa, o bolo de fubá, o pão fresquinho. Ah, saudade da minha velha, suspirou. Empurrou o cesto artificial mais para o canto, pegou a toalha e cobriu metade da mesa. Xícara, colher, açúcar, o pão de ontem, o bolo de fubá da padaria da esquina, mofado. Dois dias e já mofou? Indignado, resmungou qualquer coisa sobre os bolos durarem mais quando era criança. Ou será que é porque com mais pessoas em casa comia-se mais rápido? Não, em seu tempo a qualidade dos bolos era melhor e pronto. Aliás, não só dos bolos, de tudo. Até as frutas amadurecem mais cedo hoje em dia, e não tem a mesma cor e o mesmo sabor. A fruta roubada do pé do vizinho sim que tinha um gosto bom. Ria enquanto despejava a água quase fervente no filtro com café, no velho bule de metal. Sempre roubávamos as laranjas do falecido Seu Martins. Sai daqui seus moleques, antes que eu solte o Faísca. Que medo que nós tínhamos do Faísca, aquele pastor era brabo que só ele. Era só o Seu Martins gritar a temida frase e saíamos correndo desesperados.

O café já estava passado. Deixou as lembranças de lado, serviu o café na xícara, ligou o rádio, sentou-se e passou a desmanchar o pão em pequenos pedaços. Como não havia mais bolo de fubá, o que tinha estava terminando de mofar já dentro do lixeiro, se contentou em despedaçar o pão e soltar os pedaços dentro da xícara de café preto. Estava feito o seu desjejum. Olhou novamente a mesa, as migalhas do pão velho sobre a toalha. Molhou a ponta do dedo com a língua e começou a trazer algumas até sua boca. Baixou os olhos, se levantou, recolheu a toalha e a sacudiu dentro do tanque de lavar roupa. As migalhas desceram pelo ralo junto com a água da torneira. Viu um pássaro sobre o poste de luz da rua, pensou: será que ele me viu fazer tamanha crueldade? As migalhas que ele acabara de ir água abaixo antigamente era jogada no quintal de casa. Ele se sentava na varanda e observava os pássaros que vinham recolher aqueles minúsculos pedaços de pão com o bico. Agora, era o pássaro que, do alto do poste de luz, observava o velho homem no terceiro andar de um retângulo de concreto jogando as migalhas que ficaram pelo ralo do tanque.

O velho terminou de tirar a mesa, lavou a louça, deixou-a no escorredor e voltou para o quarto para trocar de roupa. Puxou uma bermuda surrada que tinha já guardada com o cinto posto, e uma camiseta leve. No rádio haviam dito que faria um dia quente, e ele sabia que ali, em volta de tanto concreto, o calor era bem maior que em volta das árvores. Calçou a sandália, pôs o boné na cabeça e saiu, como fazia todos os dias. O relógio já chegava perto das oito. Ao descer as escadas, se encontrou com Daniele subindo. Daniele tinha uns oito anos, era filha do casal do apartamento ao lado do dele, era muito educada, sempre o cumprimentava. Teve boa educação dos pais, com certeza, pensava. Oi, seu Romero. Oi, Daniele, tudo bem!? Tudo, seu Romero. E seguiu subindo as escadas tentando pular os degraus de dois em dois. Oi, seu Romero. Lembrou das palavras da criança, e de quando seu pai contava a história do seu nome. Nós estávamos na romaria de Nossa Senhora, filho, tua mãe tava de barriga fazia uns bons meses. Nós

fomos descalços pra pagar a promessa que fizemos. Tu sabe que tua mãe não podia engravidar, né? Pois é, aí o pai e a mãe fizeram uma promessa que se a mãe engravidasse, nós iríamos ao santuário de Nossa Senhora a pé e descalços. Como ela engravidou de ti, nós fomos. E no meio do caminho, com todas aquelas pessoas passando, tua mãe começou a passar mal. Ela me disse, que ia parir ali mesmo. E foi exatamente o que aconteceu. Várias pessoas nos ajudaram e tu nasceu, no meio da romaria. Por isso que te batizamos Romero. Era uma boa história, mas ele sabia que nada daquilo era verdade. Seu pai fantasiara uma história bonita para lhe contar, mas o verdadeiro motivo era um cantor de bolero que o pai adorava: Romero Paolo. Tudo bem, pai. Ele também gostava mais de contar essa história pras pessoas. Já lá embaixo, encontrou-se com o porteiro. Bom dia, seu Romero. Bom dia, José. Como tá o Pedrinho? Tá bem, seu Romero, começa as aulas daqui uns dias. Esse guri vai ser bom, José. Deus te ouça, seu Romero. Se despediu com um sorriso e saiu portão afora. Na calçada, deparou-se com o mundo real novamente. O mundo de metal e concreto. Carros por todos os lados, passando por ruas asfaltadas, cercadas por prédios enormes de concreto. Suspirou. Dentro de seus olhos se via a nostalgia do mundo de grama e madeira que conhecia quando jovem. Naquela época se preocupava em não pisar no rastro fisiológico que os cavalos deixavam nas estradinhas de chão batido que levavam de uma casinha de madeira à outra. Sai caminhando pela calçada, segurando a respiração de quando em quando. O rastro de monóxido de carbono deixado pelos carros irrita seu nariz e garganta. Saudade dos cavalos!

Segue rua abaixo, até chegar ao ponto de táxi. Os dois ou três taxistas ali parados mal o vêem e já gritam: ô, seu Romero. Senta aí dar esse dedinho de prosa. Seu Romero não pensa duas vezes, sorri e senta, começando a conversa com os taxistas. Alguns saem para atender chamadas, outros chegam vindo de outras. E seu Romero é único, é fiel, é singular. É o centro das atenções e isso o deixa feliz. Gosta de contar os causos de quando jovem e ver a cara dos taxistas que também arriscam alguns de vez em quando. Seu Romero fica lá, sem ver o tempo passar. Almoça com os taxistas, no restaurante ali em frente. Seis reais o bifê livre com suco. Mas seu Romero sempre substitui o suco por um copo de vinho tinto. Voltam ao ponto, toma chimarrão, conversam sobre esportes, sobre política, sobre futilidades gerais. Entre fatos novos e acontecimentos passados, ficam horas conversando.

Seu Romero se despede. A velhice não vem sozinha, explica, vou para casa descansar um pouco. Despedem-se com seu Romero dizendo: qualquer hora passo aqui de novo. Os taxistas sorriem e aceitam as palavras do homem, sabendo que o “qualquer hora” já está marcado para a próxima manhã. Seu Romero acena e segue rua acima, voltando para seu apartamento. Vê um garoto passando mascando um chiclete com um boné enterrado na cabeça e dois círculos enormes de plástico nas orelhas. Deles saem um som que até mesmo quem passa a metros de distância consegue ouvir. Seu Romero acha aquilo estranho. É o barulho contra o barulho, um querendo ser mais alto que o outro. É o aparelho de som querendo vencer os carros, as buzinas, as pessoas gritando nomes, os cachorros latindo, os vizinhos brigando. Aquilo tudo é estranho para seu

Romero. Acelera o passo para chegar rápido em casa. Abre o portão, José lhe cumprimenta: já de volta, seu Romero? Sim, José, lá fora tá uma balbúrdia. É, seu Romero, hoje em dia é assim. Sim, o homem concorda com ar de tristeza. Sobe as escadas vagarosamente, se apoiando no corrimão. Não encontra mais ninguém pelo caminho. Destranca a porta e entra. Suspira aliviado. O relógio marca quatro horas, mais cinco até dormir. A solidão entrou junto com seu Romero pela porta. Vai até a cozinha, liga o rádio e se senta à mesa. Fica ali, ouvindo o mundo que acontece do lado de fora do seu apartamento, sem ter vontade de ir lá fora para ver tudo aquilo de perto.

Às nove da noite, vai dormir.